

**Juliana Fraga Marcelino**

**SWIFT E SUA SÁTIRA NO LIVRO *VIAGENS DE GULLIVER***

**PORTO ALEGRE  
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS  
SETOR DE INGLÊS

**SWIFT E SUA SÁTIRA NO LIVRO *VIAGENS DE GULLIVER***

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul para obtenção do grau de Licenciada em Letras

**Autora: Juliana Fraga Marcelino**

**Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio**

Porto Alegre  
2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

MARCELINO, Juliana Fraga.  
Swift e Sua Sátira no Livro *Viagens de Gulliver*  
Juliana Fraga Marcelino  
Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2016. 63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Instituto de Letras)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1 Jonathan Swift; 2 Sátira; 3 *Viagens de Gulliver*; 4 Misanthropia

***“Que Jonathan Swift é um mestre da sátira, todos nós sabemos. O que não se descobriu ainda é até que ponto sua fortuna crítica vem sendo vitimada por esse fato.”***

Sandra Maggio, Prefácio do livro *Viagens de Gulliver: uma releitura*

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram em minha vida acadêmica. Sem vocês, eu não sei como teria chegado até aqui. Em especial, queria agradecer a Deus por ter me concedido sabedoria ao longo do curso, sem isso, seria difícil me tornar uma aluna, pesquisadora e professora melhor. Outro agradecimento especial vai para meus pais e meu irmão, por terem me incentivado durante todo o curso, inclusive dando a ideia de cursar Letras. Com certeza, não poderia ter escolhido curso melhor. Outro especial obrigada aos colegas que me ajudaram nas atividades em grupo, e aos amigos que entenderam as razões pelas quais eu não podia sair com eles tantas vezes quanto gostaria, visto que eu precisava colocar as leituras das cadeiras em dia e/ou escrever algum artigo. E gostaria de agradecer também a minha orientadora Sandra Maggio, porque foi na cadeira de Literatura Inglesa I, ministrada por ela, que me surgiu a ideia de escrever esse TCC; e, com sua ajuda, consegui escrever e me inspirar a continuar a pesquisar mais a respeito.

## RESUMO

Quando *Viagens de Gulliver* foi lançada por Jonathan Swift, em 1726, as reações foram as mais variadas. Alguns falavam em uma história cheia de aventuras feita para encantar crianças e o público juvenil; outros enxergavam na obra uma sátira política muito afiada. A crítica literária, até hoje, se divide entre os que acreditam que o livro foi escrito por um misantropo, e os que encaram Jonathan Swift como alguém preocupado em alertar seus contemporâneos sobre os efeitos negativos de um excesso de otimismo com relação à lógica e aos avanços da ciência. Assim, o objetivo desta monografia é estabelecer relações entre as condições de produção da obra e alguns fatos conhecidos sobre a vida e o estilo do autor para, no final, firmar um entendimento sobre a questão da misantropia e sobre as diferentes leituras que podem ser feitas, seja como sátira política, seja como literatura infanto-juvenil. Nesse percurso, será realizado um estudo do protagonista, Lemuel Gulliver, à luz do tratamento dado às personagens no gênero satírico para, a partir dali, estabelecer conexões entre a criatura, Gulliver, e seu criador, o Reverendo Swift.

**Palavras-chave:** 1 Jonathan Swift; 2 Sátira; 3 *Viagens de Gulliver*; 4. Misanthropia

## ABSTRACT

When *Gulliver's Travels* was first published by Jonathan Swift, in 1726, the reactions were the most varied. Some referred to the story as an adventure book made to fascinate children and young readers. Others saw the work as a sharp sort of political satire. To this day, criticism is divided between those who believe that *Gulliver's Travels* was written by a misanthropist, and those who see Jonathan Swift as someone aiming to warn his contemporaries against the negative effects of an excessive optimism about logics and scientific progress. Thus, the aim of this monograph is to establish relations between the conditions of production of the book and some facts connected with the life and style of the author, in order to come to a conclusion about the issue of Misanthropy, and about the different readings that can be made of the work, either as a political satire, or as children's literature. The answers will be reached through a study of the protagonist, Lemuel Gulliver, in relation to the treatment given to characters in satire, so as to establish the connections between Gulliver, the creature, and Reverend Swift, his creator.

**Keywords:** 1 Jonathan Swift; 2 Satire; 3 *Gulliver's Travels*; 4. Misanthropy

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>JONATHAN SWIFT.....</b>	<b>12</b>
1.1	Swift e Sua Época.....	12
1.2	O Estilo de Jonathan Swift: Escatologia e Misoginia.....	14
1.3	Swift e Sua Sátira.....	17
<b>2</b>	<b><i>VIAGENS DE GULLIVER</i> .....</b>	<b>23</b>
2.1	Sobre o Que Trata a Obra.....	23
2.2	Repercussão como Literatura Infanto-Juvenil.....	25
2.3	Quem é Lemuel Gulliver? .....	26
<b>3</b>	<b>“VIAGEM A LILIPUTE” .....</b>	<b>29</b>
3.1	Contexto Político Relacionado.....	29
3.2	O Legado de Lilipute.....	32
<b>4</b>	<b>“VIAGEM A BROBDIGNAG” .....</b>	<b>37</b>
4.1	Realismo Grotesco.....	37
4.2	O Patriotismo de Gulliver e a Visão do Rei.....	39
4.3	Brobdingnagians e a Natureza Humanal.....	41

<b>5</b>	<b>“VIAGEM A LAPÚCIA” .....</b>	<b>44</b>
<b>5.1</b>	<b>Contexto Histórico.....</b>	<b>44</b>
<b>5.2</b>	<b>O Quanto Esta Viagem Difere das Demais.....</b>	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>“VIAGEM AO PAÍS DOS HOUYHNMNS” .....</b>	<b>52</b>
<b>6.1</b>	<b>Sobre Yahoos e Houyhnhms.....</b>	<b>52</b>
<b>6.2</b>	<b>Swift Rotulado como Misanthropo.....</b>	<b>55</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

---

Para a maioria das pessoas *Viagens de Gulliver* é uma obra ligada ao mundo da literatura infanto-juvenil, com seu protagonista que visita reinos estranhos habitados ora por anões, ora por gigantes, ou ainda por animais que falam. Há quem diga – com base na terceira viagem – que esta obra antecipa o gênero da ficção científica. Por outro lado, para os críticos de literatura e para quem estuda a produção de língua inglesa, Jonathan Swift é considerado um dos maiores satiristas de língua inglesa, e isso traz a interpretação de sua obra para o campo da filosofia e das ciências políticas.

Tão intrigantes e instigantes são os desafios propostos por *Viagens de Gulliver*, que resolvi fazer deste livro o corpus de minha pesquisa de conclusão de curso. Busco investigar por que motivos a obra se tornou um clássico da literatura para crianças, ao mesmo tempo em que procuro decifrar algumas das muitas referências históricas e políticas ali contidas. Mais ainda, espero apresentar os motivos pelos quais a crítica literária até hoje não conseguiu chegar a uma posição sobre a natureza misantrópica ou não deste livro, e me posicionar a respeito.

Uma vez que optei por redigir o texto em português, utilizo para as citações de *Viagens de Gulliver* a tradução do original completo feita em 1950 por Cruz Teixeira, para os Clássicos Jackson, que foi posteriormente digitalizada e está disponível on-line desde 2004. Como lastro teórico-crítico utilizo predominante a tese de doutorado da Profa. Iná Janete Beck e o ensaio filosófico de S. H. Monk, contando também com o suporte de várias fontes históricas e fontes secundárias sobre a matéria. Quando os textos apresentados são em língua inglesa, opto por apresentar minha tradução no corpo do texto, disponibilizando os originais no rodapé.

O objetivo deste trabalho é revisitar *Viagens de Gulliver* e parte de sua fortuna crítica, para verificar até que ponto nossa percepção contemporânea dessa obra é ou não apropriada. Para tanto, serão realizadas incursões a fatos e episódios da vida do autor, bem como serão

apresentados elementos da história e da política da época de produção da obra. Para entender como este livro acabou sendo considerado um clássico da literatura infanto-juvenil, observaremos alguns momentos da fortuna crítica da obra e do autor. Depois de um breve comentário sobre cada uma das quatro viagens, espero chegar a alguma conclusão sobre a polêmica que envolve o tom da obra, examinando o que há ou não de misantropia<sup>1</sup> ali contido. Para dar conta desta tarefa, trataremos sobre as relações entre a Inglaterra e a Irlanda, uma vez que Swift é um anglo-irlandês. Traçaremos breves comentários sobre a sátira como gênero literário, pois essa é a marca principal de Swift.

Por fim, cada viagem tem seu formato e sua cor, nessa obra que se sustenta por si mesma há já quase três séculos. Por esse motivo muito me orgulha trazer para os leitores de nossa comunidade acadêmica algumas horas de discussão sobre este clássico da literatura de língua inglesa, pois acredito que é através releituras e de novas visitas que os clássicos se atualizam e conseguem ser entregues cada vez a uma nova geração de leitores.

---

<sup>1</sup> Misanthropia aqui significando aversão ao ser humano e ao convívio social. O termo existe com este significado deste os tempos da Grécia Antiga.

# 1 JONATHAN SWIFT

Para compreendermos a obra de Swift, se faz necessário, primeiramente, uma contextualização da época e dos locais em que viveu, bem como de certos fatos ligados a sua vida pessoal. Esses elementos fazem com que seja mais fácil reconhecer quais pessoas históricas estão sendo satirizadas, e os motivos por que certas personagens são de um jeito ou de outro. Desta forma, a primeira seção deste trabalho contempla brevemente alguns aspectos da vida e da época do autor, trata um pouco sobre seu estilo e sobre o tipo de sátira que ele escreve.

## 1.1 Swift e Sua Época

Jonathan Swift é um anglo-irlandês, termo utilizado para nos referirmos à parcela dos cidadãos da Irlanda que têm uma vida mais abastada e que ocupam cargos administrativos, representando o governo inglês nas terras irlandesas. Segundo Iná Beck, “Swift considerava-se um escritor inglês, entretanto ele nasceu e passou a maior parte da vida na Irlanda. Alí escreveu as sátiras mais tópicas e incisivas e, ao mesmo tempo, mais universais” (BECK, 2003, p.78).

O escritor nasceu em 1667 em Dublin, e foi lá também que morreu em 1745, aos 78 anos de idade. Viveu contudo durante vários anos em Londres, onde se esforçou para abrir caminho na corte, ambicionando se tornar deão da Abadia de Westminster, o espaço mais sofisticado da vida religiosa, que é o local onde os reis são empossados e onde são depois enterrados.

Quando Jonathan Swift nasceu, seu pai havia morrido há vários meses. A mãe logo voltou para a Inglaterra, deixando a criança aos cuidados do tio, que fez o possível para lhe dar uma boa educação. Formou-se a duras penas em ciências religiosas na universidade que hoje é conhecida como Trinity College, no centro de Dublin, e em seguida se foi para a Inglaterra

em busca de sucesso e reconhecimento.<sup>2</sup> Lá chegando, trabalhou por vários anos para um importante político do partido dos Tories, o baronete William Temple. Swift nutriu sentimentos intensos com respeito a Esther Johnson, protegida de Sir William, mas a relação nunca se concretizou. Tendo em vista a forma irritada e quase desrespeitosa com que Swift tratava Sir William, e a maneira como o nobre tolerava esse comportamento, corriam boatos de que tanto Swift quanto Esther fossem na verdade filhos naturais desse nobre inglês. A moça entrou para a literatura na figura de Stella, a musa dos poemas de Swift. Dos Tories, Swift migrou para os Whigs, e foi assim abrindo seu caminho na política de Londres,<sup>3</sup> que se construía em torno desses dois partidos que se opunham, os Tories e os Whigs. O termo Tory é de origem irlandesa, e designava os membros da Casa dos Lordes, que pertenciam à aristocracia britânica. Whig é um termo que surgiu no povo Gaélico da Escócia, cujo significado se aplicava aos ladrões de cavalo. Mais tarde, esta mesma palavra se tornou uma referência para os presbiterianos escoceses, visto que esse termo significava a rebelião dos que queriam o poder de excluir o herdeiro de assumir o trono. Os políticos do partido Whig tinham assento na Casa dos Comuns, no Parlamento, e representavam o interesse dos comerciantes e empresários. (BRITANNICA, 2016).

Como seu comportamento não era muito agradável, sua atitude arrivista provocou reações de desagrado por parte de diversos membros da corte, que fizeram o possível para impedir a sua ascensão política. Conseguiram derrubá-lo quando interpretaram ao pé da letra um texto satírico que Swift havia composto, o que fez com que a rainha finalmente o descartasse do quadro da corte. Foi a partir desse ponto que Swift se tornou verdadeiramente o paladino das causas da Irlanda, não tanto para defender o país em que nascera, mas para se vingar do que considerava a ingratidão da monarquia inglesa.

Ainda hoje se percebe em *Viagens de Gulliver* a crítica feita à dominação da Inglaterra sobre a Irlanda. Quanto à sátira mais específica, feita a personalidades do cenário político da época, essa atualmente só consegue ser identificada nas edições que oferecem notas de rodapé explicando quem é quem, e fez o quê. Temos também, na obra a crítica mais ampla, e mais filosófica, que diz respeito às mazelas próprias ao gênero humano. Por conter tantas camadas de informação, e por ter sido escrita do jeito que foi, *Viagens de Gulliver* fez

---

<sup>2</sup> Exceto quando expressamente indicado, as informações factuais apresentadas nesta seção vêm da leitura da obra *Jonathan Swift: An Introductory Essay*. (WARD, 1973.)

<sup>3</sup> Tories e Whigs são os dois principais partidos políticos da época de Swift. O primeiro defendia os interesses dos empresários e o segundo os da aristocracia.

jus a sua posição como um dos grandes clássicos das literaturas de língua inglesa, e ajudou a fazer de seu autor o escritor reconhecido que ele é. De acordo com Iná Beck,

Swift era satirista, ensaísta, poeta, historiador, autobiógrafo, jornalista político formador de opinião pública, proeminente político e líder da Igreja Anglicana da Irlanda. (...) Sua carreira foi calcada nos grandes feitos e defeitos do homem e da sociedade. Sua obra é considerada um complexo estudo da natureza humana e das ideias morais, filosóficas e científicas de seu tempo. (BECK, 2003, p.17)

A obra é escrita no início do século dezoito, antes mesmo de o gênero romance ser reconhecido como tal, numa época em que havia os relatos de histórias reais, como naufrágios, e os relatos de histórias fingidas. Era muito difícil separar umas das outras, porque as histórias forjadas, como *Viagens de Gulliver*, geralmente eram assinadas pela personagem protagonista e costumava haver toda uma explicação, na abertura, em que um pseudo editor contava que havia recebido o manuscrito através de um intermediário, enviado pelo autor, que é o protagonista da história. Quanto mais realista essa apresentação parecesse, mais bem sucedida era a publicação. É claro que um leitor precisaria ser muito ingênuo para acreditar que alguém visitou a terra dos mortos ou conversou na língua de cavalos, mas a verdade é que o público da época gostava desse toque de reportagem jornalística, relato de viagem ou crônica de outras terras que *Viagens de Gulliver* não deixa de ter.

## 1.2 O Estilo de Jonathan Swift: Escatologia e Misoginia

As marcas principais do estilo de Jonathan Swift são a sátira, a ironia, a comicidade, a escatologia, e um certo toque de misoginia. A palavra “escatologia”, em português, engloba dois significados que em inglês vêm de termos que são homófonos, mas não homógrafos: “eschatology”, uma área da teologia que estuda o final dos tempos; e “scatology”, o estudo das fezes. É o sentido estendido deste segundo termo que temos aqui, significando a ênfase dada a substâncias malcheirosas produzidas pelo corpo humano. Já a palavra “misoginia”, que

vem da tradição grega, pode tanto significar desprezo pelas mulheres quanto aversão ao contato sexual com mulheres. Tudo isso aparece em *Viagens de Gulliver*. Com relação às três primeiras características mencionadas, trataremos delas na subseção 1.3. Quanto às duas últimas, elas se fazem presentes em cada uma das quatro viagens, de forma cada vez mais perceptível, e com frequência se apresentam entrelaçadas. Tudo isso aparece em *Viagens de Gulliver*. Com relação às três primeiras características mencionadas, trataremos delas na subseção 1.3. Quanto às duas últimas, elas se fazem presentes em cada uma das quatro viagens, de forma cada vez mais perceptível, e com frequência são apresentadas entrelaçadas.

Em “Viagem a Lilipute” a ingratidão da Rainha de Lilipute é um atestado do seu mau caráter e da sua pouca inteligência. Quando a rainha está para morrer queimada em um incêndio, é salva por Gulliver, que urina no castelo e assim apaga o fogo. Num primeiro momento, a rainha fica agradecida. No dia seguinte, muda de ideia, depois de ser alertada pelos cortesãos sobre o desrespeito do ato e, principalmente, quando o calor do sol potencializa o cheiro gigantesco da urina de Gulliver, que é descrito ao longo de vários parágrafos.

Em “Viagem a Brobdingnag”, mais uma vez o escatológico e o feminino se aproximam. Gulliver é adotado como mascote pelas mulheres da corte, e fica no espaço reservado para elas. Sente náuseas quando é colocado pelas mulheres no espaço do decote vestido que dá para os seios das damas. Esta cena, que poderia ser descrita de forma erótica ou sedutora por um Casanova ou um Dom Juan, em Swift é enojante. As mulheres são gordas e não tomam banho há muito tempo e os vestidos são gastos e nunca foram lavados. Como Gulliver é pequeno e elas são gigantescas, colocado em contato com as peles das senhoras ele enxerga o suor em formato de sebo que se forma em seus poros e se sente nauseado. A cena é descrita da seguinte maneira:

Estava, entretanto, colocado em cima das cômodas, defronte delas, embora constrangido, a vê-las completamente nuas. E digo constrangido, porque, na verdade, essa vista não me dava tentação alguma nem o menos prazer. A sua pele parecia-me áspera, pouco úmida e de diferente coloração, com manchas aqui e ali, de tamanho de pratos; os seus compridos cabelos caídos pareciam pedaços de fitas; nada digo acerca de outros sítios do corpo, donde é preciso concluir que a beleza das mulheres, que tanta emoção nos causa, não passa de uma coisa imaginária, pois que as mulheres da Europa se assemelhavam a

essas mulheres a que acabo de aludir, se os nossos olhos fossem microscópios. (SWIFT<sup>4</sup>, 2004, p. 145-146).

Claramente percebemos o desprazer de Gulliver em ver os corpos das mulheres em tamanho fora do comum, e ele liga esse aspecto às mulheres europeias, comentando que se elas fossem vistas com um microscópio, seriam iguais às mulheres de Brobdingnag. É claro que, para fazer justiça a Gulliver, temos de reconhecer que esse ponto de vista aparece invertido na primeira viagem, quando ele é o gigante em terra de pigmeus. Nessa ocasião, uma liliputiana dá a sua opinião sobre a aparência de Gulliver:

Assim, foi que, em Lilipute, uma mulher me dizia que lhe parecia muito feio, que descobria na minha pele grandes buracos, que os pelos da barba pareciam dez vezes mais ásperos do que as cerdas do porco e a minha tez, composta de diversas cores, não podia ser mais desagradável, ainda que seja louro e passe por possuir uma bonita encarnação. (*Viagens de Gulliver*, 2004, p. 122).

Gulliver mostra nesses comentários que a opinião sobre como é de fato o corpo humano pode ser relativa. Em “Viagem a Laputa” (ou Lapúcia, na tradução de Cruz Teixeira) todas as mulheres da ilha flutuante são adúlteras e visitam seus amantes enquanto os maridos cientistas conduzem suas experiências. E, por fim, em “Viagem ao País dos Houyhnhms” temos as yahoos fêmeas, simiescas, lascivas, que vivem numa lama formada por excrementos e se oferecem constantemente para Gulliver.

O crítico literário Terence Hawkes, no livro *Structuralism and Semiotics* (2003), comenta sobre autores como Swift, que usam e abusam de elementos escatológicos em seus textos. Para Hawkes, isso marca um posicionamento político de autores que se recusam a retratar a natureza humana como sendo lírica, ou poética. O escatológico é uma reação moderna a tudo o que o épico representava na Idade Média (cf. HAWKES, 2003).

Ainda com relação ao tratamento dado às mulheres na obra de Swift, voltamos ao fato mencionado anteriormente da figura de Stella como a musa inspiradora da poesia de

---

<sup>4</sup> Utilizo neste trabalho citações extraídas da tradução do livro *Gulliver's Travels* feita por Cruz Teixeira para os *Clássicos Jackson*.

Swift, para lembrar que, quando Esther Johnson completou quarenta anos, Swift a presenteou com um poema no qual ela era comparada a uma vaca (cf. WARD, 1973).

### 1.3 Swift e sua Sátira

Quando consideramos o ponto de vista apresentado em um texto, muitas vezes as posições do protagonista, do narrador e do que imaginamos seja a visão do autor coincidem. Outras vezes isso não ocorre. A marca da sátira é a ironia, e a ironia nesta obra se constrói através do contraste entre o que é dito e a maneira como o leitor decodifica o texto apresentado. Um bom exemplo disso é a cena, na “Viagem a Lilipute”, em que os liliputianos contam a Gulliver que o seu imperador é muito atraente, charmosos e sofisticado. Gulliver acredita, e transmite ao leitor a descrição dessa figura, que é um homem manco, vesgo e com os traços apresentados em completa desarmonia. Assim o leitor logo percebe que o seu protagonista/narrador tem limitações na sua compreensão dos fatos e começa a fazer a sua própria apreciação do que lhe está sendo oferecido. Disso resultam cenas cômicas hilariantes, capazes de provocar acessos de riso e que se tornam um dos principais motivos de prazer para o leitor.

O objetivo da sátira é criticar algum aspecto da sociedade. Os dois tipos principais de sátira são a horaciana e a juvenaliana, nomeadas a partir de dois pensadores famosos da antiguidade, Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. – 8 a.C) e Decimus Iulius Iuvenalis (século I). A sátira horaciana é mais bem-humorada, menos ácida e tem o objetivo didático de fazer com que as pessoas se tornem melhores. O texto mais conhecido dessa linha é *o Cândido*, de Voltaire. Já a sátira juvenaliana é mais amarga e sua intenção é demonstrar indignação contra injustiças, realçando o ultraje moral através do sarcasmo e da ironia. O grande nome da sátira juvenaliana é Jonathan Swift, especialmente como se apresenta na obra *A Modest Proposal* (cf. UMURHAN, 2011).

Swift é um escritor satírico, então Gulliver é uma personagem especialmente criada para provocar os efeitos de compreensão invertida que a sátira provoca. Quanto mais para o início da história, mais ingênuo e de boa índole ele é. Na medida em que vai se

decepcionando e se machucando, menos bem humorado e menos disposto a perdoar as falhas dos outros ele se torna. Isso não significa, contudo, que os pontos de vista de Gulliver e de Swift sejam os mesmos. Ninguém pensaria que Jonathan Swift é tão crédulo quanto Gulliver mostra ser na primeira viagem. Então, por que alguém pensaria, em contrapartida, que Swift tem o mesmo pensamento de Gulliver.

Para explicar a sátira deste escritor é relevante acompanharmos o que se passa, ao longo da fortuna crítica da obra, com relação à recepção da sátira feita por este satirista. Desde o início o tom de Swift foi bem reconhecido: “A repugnância física e a indignação moral estão fortemente interligadas, como sempre acontece na obra de Swift.”<sup>5</sup> (WARD, 1973, p.127).

É relevante mencionar que os padrões da época de Swift ainda se debatem com as antigas normas do Renascimento. Ian Watt, comentando o que diz Hiram Haydn, observa que:

Os temas comuns dos escritores daquele período incluem às vezes um amargo toque de decepção, um sentimento sobre a inutilidade de aprender; uma descrença generalizada nas leis políticas, sociais ou religiosas; e um marcante pessimismo quanto à verdadeira condição humana, juntamente com um certo anseio metafísico por algumas formas de crença absoluta. (WATT, 1997, p. 136).

O desencanto de Swift com relação ao otimismo neoclassicista apresenta um tom de desilusão que se faz presente em *Viagens de Gulliver*. Quando o livro foi lançado, Swift estava em guerra aberta contra o governo Inglês, e o sarcasmo que transpirava da primeira viagem, “Viagem a Lilipute”, não deixava dúvidas sobre quais políticos estavam sendo criticados, nem sobre quais incidentes estavam sendo parodiados. Por exemplo, quando Gulliver urina sobre o castelo onde se encontra a imperatriz de Lilipute, isso no início é visto como algo positivo, mas logo depois Gulliver sofre as consequências, visto que não se deveria usar água nas redondezas do castelo sem permissão; essa cena reflete a desilusão de Swift para com a Rainha Anne e a predisposição presente em *Viagens de Gulliver* de se esperar sempre o pior das pessoas.

---

<sup>5</sup>Minha tradução para o original: The physical disgust and the moral indignation are, as always in Swift, closely connected with each other (WARD, 1973, p.127).

Quando o governo inglês se deu conta, a obra já estava sendo vendida nas livrarias. O que poderia ser feito para diminuir o impacto desse escândalo? Recolher os exemplares seria como apagar um incêndio com gasolina. Assim, a solução encontrada foi elogiar a obra e convidar todos a comprar e ler a deliciosa história para crianças que o gentil Reverendo Swift havia lançado. Ou seja, de um jeito muito britânico, a ironia foi combatida com mais ironia. Mas o mais irônico dessa ironia toda é que o livro de fato foi bem recebido como literatura para crianças. Logo vieram novas edições que reduziram o enredo, preservando apenas os aspectos de aventura que realmente interessariam ao público jovem, e até hoje o livro se mantém popular como um dos clássicos do gênero.

Um século e pouco mais adiante no tempo, durante o período vitoriano, quando quem era quem na sátira política já não interessava mais, a recepção da obra se altera novamente. De acordo com a Profa. Sandra Maggio:

Como decorrência da Revolução Industrial, surgem a classe média e a classe operária, tentando adaptar-se a um novo enquadramento social cada vez mais urbano e imperialista. Acrescente-se a isso o impacto do Movimento Evangélico e a implementação do modelo puritano e temos o novo estereótipo do inglês frio, distinto, empertigado e formal, que dura até hoje. Ao reler Swift, a Era Vitoriana perdeu completamente a capacidade de interpretar ironias e encontrou apenas aberrações pecaminosas e patológicas. Criou-se, a partir de então, a ideia do Swift misantropo e insano. (MAGGIO, 2003, pg. 10).

Todos esses eventos fizeram com que as pessoas perdessem a sensibilidade de ao mesmo tempo apreciar o que é cômico e entender o lado satírico da obra. Assim, passa a ser cada vez mais difícil para o leitor moderno apreciar a obra de Swift como ele foi construída para ser apreciada.

De acordo com Beck “No século XX, a crítica literária recupera as chaves históricas, que permitem resgatar o contexto político da sátira. Entretanto, não consegue reconhecer o caráter cômico e as imagens escatológicas, entendidas ainda como tropeço do autor”. (BECK, 2003, p.13). É necessário compreender os fatos históricos da época de Swift para entendermos as ideias expressas na obra. Ou, como diz Maggio,

Exposta agora a uma “nova ciência especializada”, a sátira de Swift foi dividida em fatias, cada qual analisada através de uma abordagem específica. A filosófica investigou se o autor teria sido um misantropo ou um humanista disfarçado; a formalista criou um manual com a fórmula apropriada para se escrever uma sátira; a psicanalítica e a feminista vibraram com a misoginia e o fisiologismo encontrados; a marxista remeteu às clássicas relações de poder. Mas, e o Jonathan Swift? Onde foi parar aquela gargalhada sonora que acompanhava, no século XVIII, a leitura de um texto seu? (MAGGIO, 2003, pg. 10)

Os estudiosos deixaram de compreender a parte cômica e com frequência a crítica tende a misturar a personagem do livro com o criador da personagem. Gulliver começou a ser tratado como se fosse o próprio Swift, o que faz cair por terra todo o trabalho de construção da sátira e toda a função das ironias apresentadas. “O modo indireto de Swift escrever, e o seu uso de ideias e palavras que são menos familiares para nós do que eram para seus contemporâneos, fazem dele, com frequência, um escritor difícil<sup>6</sup>” (WILLIAMS, 1968, p.103). Essas duas últimas citações, de Maggio e Williams, mostram que pelo fato de Swift ser um escritor difícil de ler, sua sátira acabou sendo abordada por vários ângulos, o que pode explicar a confusão que ocorre entre as visões de Swift e Gulliver.

Williams prossegue, dizendo que “Swift era lúcido demais para ser complacente, e essa é a razão pela qual ele é um satirista tão talentoso. (...) Um grande satirista é alguém que tem convicções claras sobre que é certo ou errado, mas essas convicções têm de ser apresentadas de uma maneira que nos possa convencer<sup>7</sup>” (WILLIAMS, 1968, p.2). Swift até pode ser um escritor difícil para os leitores de hoje, mas ele apresenta muito bem as suas opiniões sobre o mundo e sobre a realidade da vida. Ele tem uma compreensão bem clara sobre o contexto em que vive, consegue perceber e apontar as faltas e os problemas. Por exemplo, quando comenta sobre os dois partidos de Lilipute, está se referindo aos dois partidos da Inglaterra, o Whig e o Tory; ou quando diz que Lilipute tem uma rivalidade com Blefuscu, está se referindo à Inglaterra e a França do século XVIII; ou ainda quando comenta que o rei de Lilipute machucou o dedo com um ovo e por isso decretou que o ovo deveria ser quebrado pelo outro lado, está falando no Rei Henrique VIII, que “quebrou” relações com

---

<sup>6</sup> Minha tradução para o original: “Swift’s indirect way of writing, and his use of ideas and terms less familiar to us than to his contemporaries, make him often a difficult writer.” (WILLIAMS, 1968, p.103).

<sup>7</sup> Minha tradução para o original: “Swift was too sane to be complacent, and this is one reason why he is so great a satirist. (...) A great satirist is a man with intense convictions about right and wrong, but his convictions must be made to convince us to” (WILLIAMS, 1968, p.2,3).

Roma por querer se casar com Ana Bolena. Essas são maneiras de expressar suas críticas utilizando a sátira. Essa maneira de expressar opiniões só ocorre quando a pessoa tem seus valores bem definidos, visto que a sátira torna-se mais contundente quando se sabe em quais valores acreditar, a noção de certo e errado precisa ser bem definida, visto que se não for, o texto pode parecer contraditório e a crítica através da sátira perde seu poder de reflexão.

Ainda de acordo com Williams:

Considerando o que Swift escreveu, devemos lembrar que ele é, acima de tudo, um satirista; e também – como ele mesmo certamente reivindicaria – um moralista, cujo objetivo é revelar-nos a nós mesmos, fazer com que vejamos a nós mesmos de uma nova maneira, por um novo ângulo; para de repente nos darmos conta da banalidade, da irracionalidade, da hipocrisia e da crueldade descuidada de muito daquilo que pensamos e fazemos<sup>8</sup> (WILLIAMS, 1968, p.5).

Essa observação de Williams de que Swift convida as pessoas a perceberem suas falhas e a falta de moralidade que elas possuem aponta para o caráter pedagógico da sátira horaciana. Mas ocorre que a sátira de Swift é a juvenaliana. Portanto, o autor pode até ficar satisfeito ao saber que as pessoas se tornaram melhores depois de lerem o seu texto, mas na minha opinião o seu principal objetivo é mesmo deixar extravasar a sua indignação. Prova disso é o que ele diz em uma carta escrita para seu amigo, o poeta Alexander Pope, em que afirma: “Meu objetivo principal em todos os trabalhos não é divertir as pessoas, é vexá-las.”<sup>9</sup> (SWIFT, 2016, fonte digital).

Uma intenção bem clara na obra é a de mostrar os absurdos que acontecem na política. Swift escrevia jornalismo político, sabia muito sobre política e sobre religião e atacava como ninguém qualquer medida inglesa que ferisse os interesses da Irlanda. Quando se tornou mais maduro, assumiu cargos importantes em Dublin, vindo a se tornar o Deão de St. Patrick, a

---

<sup>8</sup>Minha tradução para o original: “In considering Swift’s writings we must remember above all that he is, first and last, a satirist and also, so he himself would rightly have claimed, a moralist, whose aim is to reveals us to ourselves, to make us see ourselves afresh and from a new angle, so that we suddenly recognize the triviality, the irrationality, the hypocrisy and the careless cruelty of so much that we think and do.” (WILLIAMS, 1968, p.5).

<sup>9</sup> Minha tradução para o original: “But the chief end I propose to myself in all my labours is to vex the world rather than divert it” (SWIFT, 2016 fonte digital).

catedral de Dublin. Nessa posição, pode-se dizer que Swift gozava de grande autoridade moral, o que é necessário para que um satirista seja respeitado.

## 2. VIAGENS DE GULLIVER

### 2.1 Sobre o Que Trata a Obra

Segundo Iná Beck, “Da breve história da recepção das *Viagens de Gulliver* ficou evidenciado que, para muitos críticos, o aspecto sério da sátira é incompatível com o aspecto cômico”. (BECK, 2003, p.73). Isso acontece porque “especialmente, nas duas primeiras viagens, Swift não deixa pedra sobre pedra em seu ataque contra a Inglaterra e contra a política da corte. Os fatos e os personagens são claramente identificados como políticos e situações da época”. (MAGGIO, 2003, p. 9).

Por se tratar de um assunto relacionado à política que ocorria na época, o tom satírico acabou por ser mal interpretado visto que se tratava de um assunto sério com aspecto cômico, e política não seria um bom assunto para criar piadas ou tratar de uma maneira cômica. Outro aspecto relevante é que os leitores da época queriam leitura para entretenimento, e não uma leitura pesada ou mesmo edificante. “Podemos, então, concluir que as mesmas condições que permitiram o florescimento do romance, inclusive o de formação, propiciaram o fim da era da sátira e os esquecimentos dos recursos satíricos ligados à cultura cômica popular” (BECK, 2013, p. 145). Swift perdeu um pouco de seu público leitor nessa época visto que sua obra é satírica e naquele tempo esse tipo de literatura estava perdendo sua força. Então, a ideia de *Viagens de Gulliver* ser uma obra Infanto-Juvenil foi útil para conseguir novos leitores.

“Cada uma das quatro viagens apresenta uma situação de fantasia ou de sonho como moldura para a distorção satírica da realidade”<sup>10</sup> (WARD, 1973, p.132). Essa talvez tenha sido uma ótima estratégia para Swift comentar a respeito de suas opiniões sobre a realidade presente daquele tempo.

---

<sup>10</sup> Minha tradução para o original: “Each of the four voyages employs a fantasy or dream situation as a framework for the satirical distortion of reality” (WARD, 1973, p.132).

Das quatro partes, ou livros, de *Viagens de Gulliver* (todas vividas e relatadas pela personagem Lemuel Gulliver, inventada por Swift) cada uma examina o comportamento humano através de um ponto de vista distinto, e pessoas e países são inventados para essa finalidade<sup>11</sup> (WILLIAMS, 1968, p.12).

Swift aborda suas personagens e situações de acordo com a realidade da época, porém de uma forma cômica e satírica. A história é comentada por Gulliver, que viaja pelos mundos inventados por Swift, mundos muito diferentes dos nossos conhecidos, mas não tanto a ponto de não conseguirem refletir realidade da época e da sociedade em que seu autor estava inserido.

Sobre o livro,

Trata-se de uma investigação contundente da natureza humana, há ocasiões em que ela é dolorosa, porque apresenta com mais frequência o orgulho e a cegueira desastrosos do homem do que sua capacidade de compaixão e humildade (...), mas o livro continua sendo lido porque sua agudeza, seu humor e poder imaginativo são atraentes e persuasivos<sup>12</sup> (WILLIAMS, 1968, p.104-105).

*Viagens de Gulliver* fala de uma maneira satírica sobre a sociedade e sobre poderes políticos, mostra defeitos, na maioria das vezes, o que se torna doloroso quando nos enxergamos em aspectos que mostram que é lastimável agir dessa forma. É um livro que provoca reflexão, faz com que nós avaliemos o que está sendo exposto, independentemente do quão desagradável isso possa ser. “Toda a sátira de Swift foi escrita por raiva, desprezo, ou desgosto, mas foi escrita para promover o autoconhecimento, acreditando que o autoconhecimento nos leva a agir corretamente”<sup>13</sup> (MONK, 1968, p.70).

---

<sup>11</sup> Minha tradução do original: “Of the four parts or books of *Gulliver’s Travels* (each a voyage lived through and related by Swift’s invented character Lemuel Gulliver) each one examines human behavior from a different point of view, and the people and countries are invented for that purpose” (WILLIAMS, 1968, p.12).

<sup>12</sup> Minha tradução do original: “It is an unflinching exploration of the nature of man, and it is sometimes painful, for it dwells more cogently on man’s disastrous pride and blindness than on his capacity for comparison and humility (...), but it has continued to be read because its wit and humor and imaginative power are both attractive and convincing.” (WILLIAMS, 1968, p.104-105).

<sup>13</sup> Minha tradução do original: “All of Swift’s satire was written in anger, contempt, or disgust, but it was written to promote self-knowledge in the faith that self-knowledge will lead to right action” (MONK, 1968, p.70).

## 2.2 Repercussão como Literatura Infanto-Juvenil

*Viagens de Gulliver* é uma história que satiriza situações da época em que foi escrita, e foi escrita com o objetivo de atacar a Inglaterra. Devido a esta situação, como anteriormente mencionado, foi criada uma propaganda ressaltando as qualidades da obra como uma história para crianças. Tendo esse pensamento em mente, Maggio explica que:

Como o impacto de uma publicação de uma obra como aquela era imprevisível, ao invés de censurar ou proibir a publicação - o que apenas aumentaria o interesse dos leitores - a Inglaterra permitiu a publicação, “de brinde”, um serviço de propaganda gratuita no qual *Viagens de Gulliver* foi estrondosamente lançado como uma adorável obra de ficção infanto-juvenil criado pelo amável Reverendo Swift para deliciar todas as crianças. Parece que tanto o ataque quanto o contra-ataque políticos funcionaram a contento. Pois, se a sátira de Swift é uma obra-prima da literatura mundial, o livrinho de aventuras para crianças também continua vendendo muito bem seus exemplares. (MAGGIO, 2003, pp. 9-10).

Em ambos os contextos, Swift conseguiu obter sucesso ao divulgar suas opiniões a respeito da política em forma de sátira visto que seu livro pode ser lido por todos os públicos. Para crianças, temos um livro de aventuras com pigmeus, gigantes, viagens a terras remotas e cavalos falantes; porém, para adultos, o livro revela a corrupção e a falta de valores em que aquela sociedade está submersa.

Segundo Ward: Toda criança gosta de ouvir histórias sobre homenzinhos que vivem em um mundo de miniatura. (...) Uma criança normal que leia “Viagem a Lillipute” não trata o texto como arte, mas como fantasia. A história lhe permite o acesso ao mundo das brincadeiras<sup>14</sup> (WARD, 1973, p. 133-134).

---

<sup>14</sup> Minha tradução para o original: “Every child loves to hear tales of little people living in a scale-model world. (...) The average child, when reading ‘A Voyage to Lilliput’ will not respond to it as art, but simply as fantasy; the tale give him a means of entering into the world of play” (WARD, 1973,133-134).

As crianças querem se divertir, não pensam de maneira crítica naquilo que elas leem. Após a leitura, elas querem se sentir uma das personagens da história e agir como tal, elas não se interessam em saber quem é Jonathan Swift ou o que ele está criticando.

No entanto, Ward contrapõe o seguinte: “Mas Swift e o leitor adulto podem ligar a brincadeira ou fantasia à realidade de maneira infinitamente mais consciente e crítica do que uma criança”<sup>15</sup> (WARD, 1973, p.134). Seja como for, são maneiras de Swift conseguir que seus pensamentos sejam divulgados. Sendo assim, *Viagens de Gulliver* ainda hoje é considerada como uma história infantil e conta com uma infinidade de adaptações que focam predominantemente o contexto de aventura e não o aspecto satírico ligado à história da Inglaterra e Irlanda.

## 2.3 Quem é Lemuel Gulliver?

De acordo com Sams, “Nas *Viagens*, Gulliver é ao mesmo tempo o autor e o protagonista de sua narrativa. Os leitores são convidados a aceitar um certo grau do se chama de ‘identificação’ com ele”<sup>16</sup>. (SAMS, 1968, p.37). E para Carnochan, seguindo esse raciocínio, “A concepção de Gulliver como um esforço para representar a natureza das necessidades do homem desprotegido não precisa de defesa”<sup>17</sup> (CARNOCHAN, 1964, p.6). Gulliver representa então qualquer pessoa comum e suas imperfeições. Então, como leitores, nós nos identificamos com algumas das características que Gulliver apresenta ao longo do livro. Ele também tem defeitos, então enquanto avaliamos seu progresso ao longo da obra isso pode funcionar como um espelho em que reconhecemos aspectos de nós mesmos.

Gulliver escreve, no final da última viagem:

---

<sup>15</sup> Minha tradução do original: “But Swift and the adult reader can relate the play or fantasy to the reality in an infinitely more conscious and critical way than the child.” (WARD, 1973, p.134)

<sup>16</sup> Minha tradução do original: “In the *Travels*, Gulliver is at once the author and the protagonist of his narrative. Readers are invited to accept a degree of what is called ‘identification’ with him”. (SAMS, 1968, p.37)

<sup>17</sup> Minha tradução do original: “The concept of Gulliver as an effort to define the nature of man needs no defense” (CARNOCHAN, 1964, p.6)

Desejaria bem que meu livro tivesse uma crítica severa; porém que se poderia dizer de um viajante que descreve países em que o nosso comércio não tem interesses e em que não se faz referência alguma às nossas manufaturas? Escrevi sem paixão, sem espírito de partido e sem querer ferir ninguém; escrevi para um fim mais nobre, que é a instrução geral do gênero humano; escrevi sem ter em vista interesse algum ou vaidade, de maneira que os observadores, os examinadores, os críticos, os chicaneiros, os tímidos, os políticos e os pequenos gênios intrujões, os espíritos mais difíceis e mais injustos nada terão que dizer-me e não encontrarão ensejo para exercer o seu odioso talento. (SWIFT, 2004, p. 389-390)

Através desse comentário feito por Gulliver percebemos sua opinião a respeito da obra que ele escreveu e seu objetivo expresso de relatar suas viagens para o povo europeu, independentemente da opinião de quem fosse ler; no entanto, ele deixa claro que esses países existem, mas não são importantes para Europa, visto que não são ligados a ela economicamente. Gulliver se interessa em escrever mais para que as pessoas se informem a respeito de outros países, mas sua intenção não é ferir ou interferir nos sentimentos de ninguém. Porém, quem lê essa obra consegue perceber que há críticas, já que Gulliver, um personagem fictício que encontra personagens e lugares também fictícios, é diferente de Swift, o escritor que criou Gulliver, e que escreve essa obra para expressar suas opiniões a respeito do que ele vê em sua volta.

Gulliver geralmente expressa seus sentimentos após cada viagem, sendo que a última é a mais impactante porque:

Há cinco anos que estou de volta da minha última viagem e vivo retirado em casa. No primeiro ano, foi a custo que suportei a presença de minha mulher e a de meus filhos, e quase que não pude comer em companhia deles. As minhas ideias mudaram com a continuação e hoje sou um homem comum, embora sempre um pouco misantropo. (SWIFT, 2004, p. 385-386).

Gulliver volta desanimado para a vida após as viagens e claramente percebemos que ele perdeu o gosto pelo convívio humano visto que ele repara nas falhas que os humanos possuem e que se as corrigissem se tornariam pessoas melhores, porém seria algo utópico para acontecer na vida real. Ele se torna uma pessoa amargurada depois de ter contato com outros povos, por isso ele mesmo diz que se considera um pouco misantropo.

Essa última palavra se tornou um problema para Swift, porque muitos acharam que Gulliver representa as opiniões de Swift na vida real, e como Gulliver se diz misantropo, talvez Swift se considerasse dessa forma também. No entanto, Swift pode estar em parte concordando com as opiniões e em parte as satirizando também. Swift é satírico e crítico, nós não podemos julgá-lo sem ter certeza sobre o que ele está comentando, e foi exatamente isso que aconteceu, as pessoas julgaram Swift achando que ele e Gulliver concordavam em tudo.

“Não importa o quanto Swift queira libertar o seu leitor da ilusão e do autoengano para trazê-lo ao reconhecimento da realidade, ainda assim ele tira vantagem da fraqueza desse leitor”<sup>18</sup> (WARD, 1973, p.133). E faz isso através do uso da sátira. Gulliver aponta os defeitos que percebe ao longo das viagens e sugere como eles podem ser corrigidos. Alguns se referem à corte de Londres, outros à sociedade inglesa, e outros ainda à humanidade em geral.

O leitor cria uma empatia com Gulliver, que é como ele “um cidadão inglês comum, mas também ingênuo. Os infortúnios a respeito dos quais se queixa, são resultados de suas próprias ações. O insaciável desejo de conhecer novas terras não o deixa sossegar em sua casa com sua família” (BECK, 2003, p. 58). Porém, suas opiniões não são as melhores possíveis, o que sensibiliza o leitor, visto que ele consegue enxergar de uma maneira não positiva seus próprios defeitos e o que realmente eles querem dizer.

Para entender melhor a concepção de Gulliver sobre o mundo que ele conhece ao longo de suas viagens, iremos abordar a seguir cada uma delas, fazendo para cada uma um comentário sobre o seu contexto e imaginando como se constrói o tipo de sátira apresentado em cada caso.

---

<sup>18</sup> Minha tradução do original: “However strongly Swift may wish to wean his reader from illusion and self-deception and bring him to recognize reality, he takes advantage of the reader’s weakness”. (WARD, 1973, p.133)

### 3. “VIAGEM A LILIPUTE”

#### 3.1 Contexto Político Relacionado

“A crítica literária tem aceitado muito dos episódios e personagens da “Viagem a Lilipute” como sátira aos políticos ingleses e sua atuação” (BECK, 2003, p. 75). Com esse comentário podemos mencionar que esta viagem remete a um contexto histórico real, fazendo um tipo de sátira política tão claro na época que cada uma das personagens apresentadas na narrativa poderia ser imediatamente identificada com certas personalidades políticas conhecidas da época. Como aponta Beck, “as alusões a acontecimentos e personagens históricas do início do século XVIII são consideradas a sátira política, que está concentrada na “Viagem a Lilipute” (2003, p. 76). Mais adiante, Beck diz que “Na ‘Viagem a Lilipute’ evidencia-se a história do país como caricatura do passado da Inglaterra. Os fatos narrados relacionam-se a acontecimentos políticos ocorridos entre 1708 e 1726” (BECK, 2003, p.197). Alguns desses eventos serão abordados a seguir.

Muito da ironia deste livro se dirige à vida política de Londres na época em que a obra foi escrita e publicada. Os leitores da época com facilidade identificariam qual escândalo se ligava a qual personalidade. Com o passar do tempo, são necessárias hoje notas de rodapé especializadas para retomar esses episódios relacionados a políticos contemporâneos a Swift. Apresento aqui alguns poucos exemplos, garantindo que muitos outros podem ser encontrados nas edições anotadas da obra.

A obra foi composta provavelmente entre os anos 1720 e 1725, durante o reinado da Rainha Anne, e remonta às vezes a eventos ocorridos logo após, no período do rei George I. Escândalos da época ou personalidades muito características foram retomadas e apresentadas de forma caricatural.

Após o naufrágio, após ser capturado, quando finalmente Gulliver entra em acordo com os liliputianos, descobre que aquele reino se encontra em guerra com Blefuscu. A relação entre as duas nações espelha as relações complicadas entre a França e a Inglaterra, a primeira católica, a segunda anglicana, sempre em litígio, mas um tipo de litígio que nunca interfere

em suas transações comerciais, econômicas ou culturais. O imperador de Lilipute é manco porque usa um sapato com salto alto e outro com salto baixo, uma alusão à condição do Rei George I, prensado entre os interesses do Alto Clero, os Tories (*High Church*) e do Baixo Clero (*Low Church*), os Whigs.

A ingratidão da imperadora de Lilipute é uma referência à reação negativa da Rainha Anne quando leu, em 1708, a paródia em prosa *A Tale of a Tub* escrita por Swift em 1704. Orientada por seus conselheiros, que não gostavam de Swift, a rainha interpretou ao pé da letra uma série de sutilezas e concluiu que a obra era uma afronta à religião. Assim, ela se recusou a promover Swift ao posto que ele aspirava, o de deão da Abadia de Westminster. Entre os detratores de Swift nesse episódio estavam o ministro Robert Walpole, o Conde de Nottingham, o arcebispo de York e a Duquesa de Somerset, cada um deles satirizado em cenas da “Viagem a Lilipute”. Em uma das cenas dessa história Gulliver é convidado a assistir um ritual pelo qual passam os candidatos a ocupar cargos políticos. Alguns têm de provar sua habilidade para andar em cima de um muro, se equilibrar em uma corda bamba, pular sobre ou rastejar por baixo de uma vara. O primeiro inimigo de Swift, Sir Robert Walpole, é ironizado através da personagem de Flimnap, o tesoureiro da corte. Flimnap tem de mostrar sua destreza em se equilibrar na corda bamba. Ao tentar se exhibir fazendo uma pirueta sobre a corda ele cai e poderia ter quebrado o pescoço, não fosse pelo fato de ter caído sobre umas almofadas macias que pertenciam ao imperador. A palavra almofada, em inglês, é “cushion”, um termo usado também em referência aos seios de uma mulher. O episódio faz uma paródia sobre a situação de Sir Robert Walpole, que só conseguia se manter no cargo porque era protegido da Duquesa de Kendal, uma das amantes do Rei George I. O Conde de Nottingham aparece na história na figura de Bolgolam, o principal perseguidor de Gulliver em Lilipute. E assim por diante, cada um dos desafetos de Swift causa algum tipo de contratempo a Gulliver.

Quando o imperador está satisfeito, dá fitinhas coloridas como prêmios para os seus cortesãos. Apesar de esta prática parecer cômica, é exatamente o que acontece quando se ganha uma medalha, ou uma menção honrosa. No caso da Inglaterra, as referências que temos remetem aos prêmios concedidos por serviços prestados à coroa. A fita verde representa a Ordem do Cardo (*The Order of the Thistle*); a vermelha representa a Ordem de Bath e a azul representa a Ordem da Jarreteira (*The Order of the Garter*).

Há dois partidos em Lilipute que se confrontam, os Tramecksan e os Slamecksan, que representam o partido Tory, que eram os conservadores da religião Anglicana e o outro partido representa os Whigs, ao qual se filiavam os liberais ligados aos grupos religiosos dissidentes (2003).

Já as desavenças religiosas que provocaram a guerra entre Lilipute e Blefuscu começaram no passado, por causa do ritual de como se deve quebrar o ovo da fé, se pela extremidade mais grossa ou pela mais fina, eles não concordavam com o procedimento porque para uns a parte mais grossa era a maneira mais cômoda, mas para outros, a outra maneira era a certa. Esse desencontro teve início no passado, quando um antigo imperador de Lilipute machucou o dedo quebrando o ovo do jeito tradicional, e decretou que a partir de então os ovos deveriam ser quebrados na outra extremidade. Essa é uma alusão ao momento histórico no qual o Rei Henrique VIII “quebrou” relações com Roma, no episódio que envolvia seu desejo de anular o casamento com a Rainha Catarina de Aragão para poder desposar a jovem Ana Bolena.

Iná Beck relaciona ainda a passagem do incêndio onde Gulliver urina para apagar o fogo ao Tratado de Utrecht, de 1713. A cena é apresentada da seguinte maneira:

O incêndio lavrava já com bastante intensidade e aquele magnífico palácio seria infalivelmente reduzido as cinzas, se, por uma extraordinária presença de espírito, me não ocorresse de repente uma ideia. Na noite precedente, tinha bebido em grande quantidade um certo vinho branco chamado *glimigrim*, importado de uma província de Blefuscu e que tem grandes propriedades diuréticas. Desatei então a urinar em tal abundância e dirigi o jato com tanto acerto e tão a propositadamente que, dentro de três minutos, o fogo estava completamente apagado e o resto daquele soberbo edifício, que custara somas imensas, ficou preservado de tal incêndio. (SWIFT, 2004, p. 71-72).

Comparando essa situação com a do tratado de paz, Beck informa que este, no primeiro momento, poderia conceder grandes vantagens para a Inglaterra; no entanto, os Whigs e a Grande Aliança não consideravam esse tratado tão positivo como estava sendo alardeado. Ele pôs fim à guerra de sucessão espanhola, que envolveu a Grã-Bretanha, Holanda, Áustria, França e Espanha. Esse tratado de paz entre Inglaterra e França foi

secretamente negociado pelos ministros dos partidos de Tory, Oxford, Bolingbroke e Ormonde.

Assim como ocorre no episódio do incêndio, a urina que Gulliver usara para apagar o fogo foi vista como positiva no primeiro instante porque o incêndio se extinguiu, porém, houve consequências após esse evento, como o mau cheiro. Fazendo referência a esse Tratado, este mau cheiro estaria representando aqueles que o apoiaram, visto que foram considerados traidores da Inglaterra (cf. BECK, 2003).

### 3.2 O Legado de Lilipute

De acordo com Ward:

Em Lilipute, somos convidados a nos colocar na posição de um gigante benevolente que olha para uma sociedade muito semelhante à nossa, ou na de um homem inspecionando a sua própria sociedade, com uma visão excepcionalmente clara, pelo lado contrário de um telescópio. (WARD, 1973, p.125).<sup>19</sup>

Swift certamente está sendo irônico ao apontar os defeitos do cenário político da Inglaterra, como acima exemplificado. No entanto, a posição de Gulliver com relação aos pigmeus é sempre benevolente, como se os riscos a serem corridos não fossem suficientes para que se sentisse inseguro e viesse a se comportar de maneira agressiva.

Essa interação, todavia, abre espaço para que o leitor perceba os diversos pontos em que a sociedade de Lilipute poderia, e deveria, ser melhor. De acordo com Ward, “(...) mas no contexto de seu tempo, a maior parte das reformas legais que ele sugere representam grandes desafios à estrutura dos valores morais então aceitos, fazendo uma crítica excepcionalmente sagaz das bases do direito comum<sup>20</sup>” (WARD, 1973, p.137). Comentarei algumas dessas

---

<sup>19</sup> Minha tradução para o original: “In Lilliput, we are asked to put ourselves in the position of a benevolent giant looking at a society very much like our own, or an unusually clear-sighted man of normal size inspecting his own society, through the wrong end of a telescope” (WARD, 1973, p.125).

<sup>20</sup> Minha tradução para o original: “... but in the context of his time most of the legal reforms he suggests are brave challenges to the accepted structure of moral values and unusually shrewd criticisms of the basis of common law” (WARD, 1973, p.137).

sugestões, a partir do texto de Swift, estabelecendo ligações entre a situação de Lilipute e a da Inglaterra:

Embora eu considere os castigos e as grandes recompensas como os eixos em que gira o governo, ousou dizer que a máxima de castigar e recompensar não é observada na Europa com a mesma sensatez como no império de Lilipute. (...) Estes povos veem como um prodigioso defeito político entre nós que todas as nossas leis sejam ameaçadoras e que a infração seja punida com os mais severos castigos, enquanto a sua observância não dá direito a recompensa alguma; por este motivo representam a justiça com seis olhos, dois adiante, dois atrás e um de cada lado (para simbolizar a circunspeção), segurando na mão direita um saco cheio de ouro, e empunhando na esquerda uma espada embainhada, para demonstrar que está mais disposta a premiar do que a punir. (SWIFT, 2004, p. 75-76).

Lilipute tinha o costume de dar recompensas para quem obedecesse e cumprisse a lei, talvez esse método pudesse funcionar para a Inglaterra naquela época, visto que as pessoas só eram punidas, mas sem recompensas.

Costumes na educação também deveriam ser adotados:

Os professores de História empenham-se menos com o trabalho de ensinar a seus discípulos a data de tal ou tal acontecimento, do que a descrever-lhes o caráter, as boas, as más qualidades dos reis, dos generais e dos ministros; julgam que pouco lhes pode interessar em que ano ou mês a batalha foi travada; mas decerto lhe interessa saber quanto os homens, em todas as épocas, são bárbaros, brutais, injustos, sanguinários, sempre dispostos a expor a vida sem necessidade e a tentar contra a dos outros sem motivo; quanto os combates desonram a humanidade e quão fortes devem ser para chegar a esta funesta extremidade; consideram a história do espírito humano a melhor de todas, e ensinam menos os discípulos a reter os fatos, do que a julgá-los. (SWIFT, 2004, p. 82).

Para os Liliputianos, o caráter é mais relevante do que a data de tal acontecimento, porque é necessário saber como a liderança se comportava antes, durante e após a guerra, visto que se acontecesse algo parecido de novo, as pessoas saberiam como proceder, até mesmo para evitá-lo.

Também é dito que os liliputianos tinham de ler demais:

Querem que o amor das ciências se limite e que cada um escolha o gênero de estudo que mais convenha à sua tendência e ao seu talento; fazem tanto caso de um homem que estuda demasiado como de um homem que come demais, persuadidos de que o espírito tem as mesmas indisposições que o estômago. Só o imperador é que possui uma vasta e numerosa biblioteca. Quantos aos particulares que possuam grandes bibliotecas são considerados como asnos carregados de livros. (SWIFT, 2004, p. 82).

Nessa passagem, Gulliver comenta que os que possuíam muitos livros eram considerados asnos e que o estudante podia escolher o que estudar, visto que há certos conteúdos que podem ser irrelevantes para a vida dele, o qual podia ter mais facilidade em determinados assuntos se comparado com outros.

Em Lilipute, as pessoas não eram julgadas pelo berço da família. Caso elas tivessem as faculdades necessárias para determinado cargo, elas poderiam trabalhar nele, independentemente de quem fosse o pai.

Exortam-nos a que escolham com segurança um modo de vida, fazendo o possível para lhes fazer tomar aquele que melhor convenha às suas naturais tendências, pouco se importando com as faculdades paternas, de maneira que, por vezes, o filho de um lavrador chega a ser ministro de Estado, enquanto o filho de um fidalgo se torna simples comerciante. (SWIFT, 2004, p. 83).

Em cada um desses casos, é gritante a diferença entre a forma idealizada como os planos pedagógicos e culturais são apresentados, e o fracasso dos homenzinhos em colocar isso tudo em prática. Visto que, na realidade inglesa, a paternidade é de extrema relevância. Um exemplo disso é o fato de que – não pode ser a inglesa. Para ser um lorde, é necessário ser da realeza. Esse status era irrelevante para os liliputianos, a pessoa deveria ser competente para conseguir o cargo. Nesse caso, Swift está satirizando os ingleses, já que eles preferem colocar nos cargos pessoas que fazem parte da realeza, sendo que seria melhor se os funcionários públicos fossem escolhidos com base em sua competência.

Outro fator na educação seria a ideia de punição, os liliputianos não aceitavam a ideia de punição corporal.

Aos mestres é proibido castigar os alunos corporalmente; castigam-nos apenas privando-os de alguma coisa que apreciem, envergonhando-os e, principalmente, não lhes dando lições durante três dias, o que os apoquentam extraordinariamente, pois que, abandonando-os a si próprios, assim lhes demonstram que não são dignos de que os instrua. (...) A dor física produzida pelo castigo corporal serve apenas para torná-los tímidos, defeito muito prejudicial, de que nunca se curam. (SWIFT, 2004, p. 85).

Havia castigo, mas não era físico. Os professores podiam privar o aluno de algo que ele gostasse ou evitar passar lições, o que era péssimo porque, dessa maneira, o estudante percebia que não era digno de receber conhecimento e futuramente, ele podia não possuir o cargo que almejava.

Na Inglaterra Por muito tempo, a punição dos alunos de maneira física foi usada nas escolas, como uso de palmatórias, o que traumatizava o aluno e este ficava com medo e vergonha de voltar a frequentar a escola. Em Lilipute, os alunos se sentiam tímidos quando sofriam punição física e para este defeito não havia cura.

Liliputianos tinham seus defeitos, mas em alguns aspectos, tinham mais moral e leis mais úteis se comparados o povo inglês. Como dito anteriormente, Lilipute representava a Inglaterra. A história daquele país é semelhante com a deste país, porém, com certas sugestões de como a Inglaterra podia melhorar.

De todas as quatro viagens, esta primeira é a que faz a sátira política mais direta e aberta à vida política de Londres. Para os leitores daquela sociedade e daquela época, seria impossível não reconhecer qual personalidade política estava sendo ridicularizada em cada um dos episódios. Com o passar do tempo, e com a tradução da obra para outras línguas, essas referências pontuais podem ter se perdido, mas mesmo assim quem se interessa pela história da Inglaterra consegue ainda ver as disputas entre aquele país e a França, e compreender as alusões feitas à Rainha Anne, ao Rei George I, ou ao Rei Henrique VIII, por exemplo.

O tipo de sátira apresentado na “Viagem a Lilipute” se baseia no contraste entre o que o ainda ingênuo narrador protagonista Gulliver nos mostra, e aquilo que sabemos sobre como funciona o mundo real. O efeito provocado no leitor é que ele logo percebe que precisa “ler ao contrário”, e que está nas mãos de um narrador não confiável. Isso deixa o ponto de vista de Gulliver e o ponto de vista da narrativa em espaços opostos, e compreendemos que a personagem está sendo usada inocentemente para indicar que aqueles homenzinhos não são pequenos apenas no tamanho físico, mas também na sua compreensão moral e política.

Se a técnica de Swift foi muito sofisticada ao apontar *o que é através do que não é*, a reação inglesa ao perceber que essa obra violenta havia sido publicada e já se encontrava à venda nas livrarias foi igualmente inteligente e complexa. Ordenar o recolhimento dos volumes representaria reconhecer a importância do livro. Assim, a saída encontrada foi lançar uma propaganda barulhenta e positiva, que apresentava o livro como uma aventura de ficção que iria maravilhar todas as crianças, com seus anões, gigantes e todo o tipo de seres estranhos. Temos assim, uma ação e uma reação dignas da sutileza que é uma das características principais atribuídas aos povos britânicos.

## 4. “VIAGEM A BROBDINGNAG”

Se, na primeira viagem, Gulliver é o gigante e a pequena sociedade liliputiana não representa para ele grande perigo, aqui a situação se inverte. Se ele cometer qualquer vacilo, pode ser pisoteado por um gigante ou engolido por um felino. Por isso, Gulliver fica sempre na defensiva e, nessa situação, aspectos menos elogiáveis de seu comportamento começam a transparecer. Como se sente muito diminuído perante os demais, sua tendência é a de se tornar pomposo, a ponto de o contraste entre como as coisas são e o que Gulliver faz que elas pareçam em seu discurso se torne quase patético. E para complicar ainda mais o quadro, a sociedade em que ele se encontra parece ser muito evoluída e desprezar atos de empáfia e elogios a situações de violência.

### 4.1 Realismo Grotesco

Nessa segunda viagem, temos mais imagens que remetem ao realismo grotesco. Isso significa, segundo Beck, que “no sistema de imagens da cultura cômica popular, o princípio material e corporal é positivo. É percebido como universal e popular e se opõe a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significado desligado da terra e do corpo” (BECK, 2003, p.116).

Em um determinado ponto, Gulliver decide reportar algumas passagens enfatizando detalhes grotescos e reais que percebe, ao enxergar ampliados vários detalhes sobre o ser humano. Dessa maneira, todos estariam representados, independentemente do nível social ou político. Eis aqui dois trechos que podemos citar sobre o realismo grotesco encontrado nessa viagem:

Ao fim do jantar, entrou a ama de leite (...) Forçoso é confessar que nunca vi coisa que mais nojo me causasse do que os peitos da citada ama, não sabendo mesmo a que possa compará-los. Isto fez-me lembrar os peitos das damas inglesas, e que tão encantadores são e que nos parecem tais como são,

porque são proporcionais à nossa vista e à nossa estatura; entretanto, o microscópio, aumentando-os, faz-nos parecer muito sítios, que escapam à vista desarmada, tornando-os extremamente feios. Pois os peitos da ama obedeciam a estas regras. Assim, foi que, em Lilipute, uma mulher me dizia que lhe parecia muito feio, que descobria na minha pele grandes buracos, que os pelos da barba pareciam dez vezes mais ásperos do que as cerdas do porco e a minha tez, composta de diversas cores, não podia ser mais desagradável, ainda que seja louro e passe por possuir uma bonita encarnação. (SWIFT, 2004, p. 121-122).

Nesse trecho, já mencionado anteriormente quando tratamos sobre escatologia e misoginia, Gulliver não se sente confortável ao ver os seios dessa ama porque eles aparecem de maneira ampliada. Mas temos que considerar também a relação inversa ao que temos aqui. Gulliver lembra que uma mulher liliputiana tivera a mesma impressão de desconforto com relação ao corpo dele, quando ele é que era o gigante, inclusive comentara com ele sobre seu aspecto desagradável. Essas diferentes percepções aconteceram porque em Lilipute, Gulliver era um gigante, mas, em Brobdíngnag, ele era mais baixo que um anão desse local.

O outro trecho seria aquele onde comenta-se que:

A sua pele parecia-me áspera, pouco úmida e de diferente coloração, com manchas aqui e ali, de tamanho de pratos; os seus compridos cabelos caídos pareciam pedaços de fitas; nada digo acerca de outros sítios do corpo, donde é preciso concluir que a beleza das mulheres, que tanta emoção nos causa, não passa de uma coisa imaginária, pois que as mulheres da Europa se assemelhavam a essas mulheres a que acabo de aludir, se os nossos olhos fossem microscópios. (SWIFT, 2004, p. 146).

Esse seria outro momento onde Gulliver descreve de maneira grotesca o corpo feminino, porque ele consegue perceber os detalhes sendo de baixa estatura no meio desse povo.

## 4.2 O patriotismo de Gulliver e a visão do Rei

Gulliver defende a Inglaterra de maneira exagerada, uma atitude que revela que ele instintivamente percebe que há algo que precisa ser defendido, que os pontos fracos de sua sociedade precisam ser disfarçados. Numa conversa que tem com o rei de Brobdingnag, as diferenças entre os dois sistemas ficam muito claras, especialmente quando se trata do funcionamento do sistema político. Gulliver é tão agressivo e belicoso em seus ditos grandiosos que muitas vezes o rei não consegue nem compreender a que Gulliver está se referindo.

Nesse ponto, se considerarmos as técnicas utilizadas na construção da sátira, veremos que as opiniões do rei são aquelas que Jonathan Swift corrobora, e que são publicadas em seus muitos ensaios e tratados. Gulliver aqui está tão fora de prumo em suas opiniões e atitudes quanto estavam os liliputianos na viagem anterior. Uma dessas passagens é a que segue:

Em seguida, descrevi a constituição do Parlamento inglês, composto, em parte, de uma corporação ilustre chamada Câmara dos Pares, personagens de sangue mais nobre, antigos proprietários e senhores das mais belas terras do país. Disse do extremo cuidado que havia na educação com relação às ciências e às armas para os tornar capazes de serem conselheiros natos do reino, de terem parte na administração do governo, de serem membros da mais elevada categoria da magistratura, de que não havia apelo, e da sua pátria, pelo seu valor, comportamento e fidelidade; que esses senhores eram o ornamento e o esteio do reino, dignos sucessores dos seus antepassados, cujas honras haviam obtido como recompensa de uma virtude insigne e que nunca se vira a sua posteridade degenerar; que a esses senhores estavam agregados santos homens, que tinham o seu lugar entre os bispos, cujo cargo era velar pela religião e por aqueles que a pregam ao povo; que se buscavam e se escolhiam no clero os mais santos e os mais sábios homens para serem investidos nessa eminente dignidade. (...) (SWIFT, 2004, pp.158-9).

Aqui fica salientado como funciona a política na Inglaterra, como é constituído o Parlamento, quem governa e quem são as pessoas que comandam o país. Gulliver comenta acerca do histórico das guerras pelas quais a Inglaterra já combateu, mas o rei não parece tão entusiasmado como Gulliver; na verdade, aquele considera o povo inglês briguento e nunca satisfeito com a vida que possui.

“Perguntou-me se a casa de um particular não seria melhor defendida por ele próprio, pelos filhos e pelos criados do que por uma cáfila de patifes e gatunos tirados ao acaso da escória do povo, com salário diminuto, e que poderiam ganhar cem vezes mais” (SWIFT, 2004, p.163-164), expressa a visão de Swift sobre a opinião que ele possuía com relação ao comando da Inglaterra, visto que este país vivia guerreando com outras pátrias e vencendo as batalhas e guerras. Por um lado, parece ser um país poderoso pelas conquistas e vitórias, mas por outro, parece um país insatisfeito e incerto sobre seu futuro, visto que nunca se encontra satisfeito com aquilo que possui, porque sempre está à procura de mais.

O rei faz mais comentários desagradáveis sobre as guerras e a história da Inglaterra até aquele momento:

Ficara extremamente admirado com a narrativa que lhe fizera da nossa história do último século, que não passava, segundo ele, de um encadeamento horrível de conjurações, de rebeliões, de chacinas, de morticínios, revoluções, de exílios e dos mais horrendos defeitos que a avareza e o espírito da facção, a hipocrisia, a perfídia, a cruzada, a raiva, a loucura, o ódio, a inveja, a maldade e a ambição podiam engendrar. (SWIFT, 2004, p.164-165).

O rei de Brobdingnag pareceu insatisfeito com os comentários que Gulliver fazia sobre seu país. Para ele, pareceu que se tratava de um país com uma liderança de gente inadequada para governar, visto que possuíam muitos vícios e defeitos, e estes atrapalhavam a Inglaterra, em outras palavras, era necessário que o país fosse governado por outras pessoas.

Quando o rei de Brobdingnag perguntou a Gulliver se ele era Whig ou Tory, procurou não se pronunciar acerca dessa pergunta. Na verdade, segundo Beck, com relação a Swift, “sua violenta reação foi contra a política do Rei Jorge I e do Primeiro-Ministro Walpole na administração da Irlanda” (BECK, 2003, p. 77). Esses dois líderes estavam prejudicando o país onde Swift nasceu, e ele se importa com isso, os comentários desagradáveis sobre a Inglaterra criticam a má administração das finanças, visto que as verbas para a Irlanda não estavam sendo bem direcionadas.

Segundo Ward, “Ao invés de ser aquela força gigante que precisava pisar com cuidado para não destruir cidades inteiras, agora Gulliver se encontra vulnerável, impotente,

estranho e insignificante”<sup>21</sup> (WARD, 1973, p.143). Percebendo isso, os comentários que o rei de Brobdingnag faz são dolorosos, visto que Gulliver não pode responder à altura, porque ele teme ser visto como um ser insignificante aos olhos do rei. Este perguntava para Gulliver as opiniões que ele possuía, mas o rei, que é um gigante, via Gulliver como um boneco que não seria digno de sentimentos; porém, quando ele fala sobre a Inglaterra e suas grandes realizações, parece ser inconcebível um pequenino ser tenha tamanha crueldade em seu íntimo.

### 4.3 Brobdingnagians e a Natureza Humana

As pessoas de Brobdingnag são pessoas comuns representadas como gigantes, mas com uma série de vícios naturais e virtudes semelhantes às dos homens da estatura de Gulliver, ou seja, nós mesmos. (...) A sociedade de Brobdingnag (até mesmo sua corte) é muito parecida com o mundo da nobreza dos tories e dos proprietários rurais, como vistos por Swift, ele também um tory. Trata-se de pessoas meio rudes e afobadas, modestas em suas pretensões, de maneiras cordiais e amigáveis. São suficientemente honestas no geral, embora falíveis, preferindo os confortos da paz às glórias da guerra, compensando sua falta de refinamento com bom senso. Mas não estão acima da média com relação à lisura, inteligência, ou sensibilidade demonstradas para com os sentimentos dos outros<sup>22</sup>. (WARD, 1973, p. 148).

Pelo comentário feito acima, podemos perceber que os Brobdingnagians são seres que representam a ideologia do partido Tory, conservador. E deve ser por isso que sua sociedade funciona tão bem, pois reflete o sistema social proposto por Thomas More em *A Utopia*, muito admirado pela maioria das pessoas na época de Swift.

Segundo Monk,

---

<sup>21</sup> Minha tradução do original: “Now, instead of being the gigantic power who must tread carefully in order not to destroy whole villages, Gulliver is vulnerable, impotent, absurd and insignificant” (WARD, 1973, p.143).

<sup>22</sup> Minha tradução do original: “Brobdingnagians are very ordinary people made into giants, but with about the same range of natural vices and virtues as Gulliver-sized men, that is, ourselves (...) Brobdingnagian society (even the Brobdingnagian court) is much more the world of Tory squires and country gentlemen as Swift, the Tory, saw them. They are a little rough and ready, modest in pretensions, easy-going and genial in manner. They are honest enough in general, though fallible; they prefer the comforts of peace to the glories of war; they make up for their lack of refinement by plain good sense. But they are not above the human average in their cleanliness, intelligence, or sensitivity towards the feeling of others”. (WARD, 1973, p.148)

Essa conclusão é inevitável, pois o rei é altruísta, benevolente e, no sentido dado por Swift a esse termo, racional; ou seja, o rei e seu povo pensam de forma prática, não de forma teórica; concreta, não metafísica; simples, não intrincada. Brobdingnag é uma utopia swiftiana de senso comum e de moralidade. E Gulliver, condicionado pela sociedade corrupta de onde vem, parece ingênuo, cego e insensível a valores morais (MONK, 1968, p. 74).<sup>23</sup>

Dessa forma, percebemos o quão diferentes são Gulliver e o povo de Brobdingnag.

Somos encorajados a distinguir e separar dois aspectos da humanidade, para condenar um e aceitar ou nos identificarmos com o outro. Swift torce a verdade porque o homem é simultaneamente sábio e estúpido, é são e louco ao mesmo tempo, e esses dois aspectos estão mais próximos e sutilmente inter-relacionados do que o diagrama satírico possivelmente possa permitir. Sátira desse tipo envolve necessariamente uma certa distorção, porque seu objetivo, em última análise, é desafiar o leitor a uma reavaliação de sua própria moral. A estratégia do satirista é analisar o problema em grau extremo, balanceando o desconforto provocado quando faz a sua síntese, da melhor maneira que consegue.<sup>24</sup> (WARD, 1973, p. 152).

Quando falamos de Swift, precisamos falar sobre sátira, então o que podemos perceber é que por mais que haja um exagero em alguns aspectos durante a abordagem do tema no texto, esse exagero serve para fazermos a nossa auto reavaliação de maneira mais crítica.

Segundo Sams, a sátira na segunda viagem “é um item numa série de eventos e atitudes que indicam o desenvolvimento de Gulliver durante a narrativa (...)”<sup>25</sup> (SAMS: 1968, p. 38). Essa segunda viagem ressalta aspectos de Gulliver que não eram perceptíveis na

---

<sup>23</sup> Minha tradução do original: “Such a conclusion is inevitable, for the King is high-minded, benevolent, and, in Swift’s sense of the word, rational: i.e., he and his people think practically, not theoretically; concretely, not metaphysically; simply, not intricately. Brobdingnag is a Swiftian Utopia of common good sense and morality; and Gulliver, conditioned by the corrupt society from which he comes, appears naïve, blind, and insensitive to moral values.” (MONK, 1968, p.74)

<sup>24</sup> Minha tradução do original: “We are encouraged to distinguish and separate two aspects of humanity, to condemn one and accept or identify with the other. Swift wrenches the truth because man is simultaneously wise and stupid, both sane and mad, and the two aspects of man are more closely and subtly inter-related than the satirical diagram can possibly allow. Satire of this kind necessarily involves a certain distortion because its aim, ultimately, it to challenge the reader into a moral re-evaluation of his own; the satirist’s strategy is to analyze the problem in extreme, even the distress this causes by making his own synthesis as best he can.” (WARD, 1973, p. 152)

<sup>25</sup> Minha tradução do original: “It is an item in the series of events and attitudes which indicates Gulliver’s development (...)” (SAMS, 1968, p.38)

viagem de Lilipute. Até porque, durante as viagens, Gulliver faz contato com diferentes tipos de seres e não é somente isso, cada contato com cada povo faz com que ele mude sua maneira de enxergar o mundo.

Assim, nesta segunda viagem, a técnica da sátira se apresenta através de um distanciamento entre as posições de Gulliver e o ponto de vista apresentado na narrativa, criando um jogo de diferentes percepções em que a atenção do leitor se posiciona a partir da percepção do rei de Brobdingnag. Os mecanismos dessa estrutura aparecem melhor quando observamos o contraste entre o comportamento diferente demonstrado por Gulliver quando era um gigante, em Lilipute, e agora, quando se encontra acuado e inseguro. É como se tivéssemos aqui uma discussão filosófica que nos lembra que qualquer ser humano, em situações diferentes, age de maneiras diferentes. Em Brobdingnag, o discurso de Gulliver se torna parecido com o discurso dos liliputianos. Buscando se auto afirmar e procurando esconder do rei, com adjetivos grandiosos, os defeitos da sociedade de onde vem, ele acaba por deixar esses defeitos mais visíveis do que nunca.

## 5 “VIAGEM A LAPÚCIA”

### 5.1 Contexto histórico

Apesar de o título desta viagem, na tradução de Cruz Teixeira, se referir à Ilha de “Lapúcia”, o nome original, em inglês, é “Laputa”, que em espanhol significa “a prostituta”. De acordo com o guia de estudos Cliff Notes, esse nome se origina em uma frase do religioso Martinho Lutero, que avisa: “Cuidado com a Razão, essa prostituta.” (cf. SOENS & SALERNO, 2016). Imagino que a frase significa que tanto uma quanto a outra prometam coisas que, em última instância, não estão em condições de cumprir, ou que tendem a se bandear para o lado de quem lhes pagar melhor. É claro que nem Lutero e nem Swift iriam negar os méritos da racionalidade, mas acredito que ambos, cada um de sua maneira, fazem um alerta sobre o perigo de sobrevalorizarmos o que é lógico e racional, em detrimento de outros tipos de ações ou emoções.

Esta terceira viagem não faz parte do projeto de *Viagens de Gulliver*, trata-se de um texto que Swift havia escrito anteriormente, no tempo em que ainda vivia na Inglaterra e tinha as suas pretensões de ascensão política. Naquela época, Swift frequentava um clube onde se relacionava com dois outros escritores importantes, John Gay e Alexander Pope (cf. MONK, 1968). Reparando que o entusiasmo da classe intelectual com progresso da ciência estava ficando um tanto exagerado, nos tempos do Iluminismo, os três combinaram que cada um faria um texto criticando o excesso de otimismo que caracterizava a época em que viviam. Foi então que Swift escreveu a maior parte do que temos nessa terceira viagem. Quando ocorreram todos os percalços que fizeram com que ele voltasse para a Irlanda, o material ficou provavelmente guardado em uma gaveta por vários anos, até ser retomado e adaptado para se tornar a terceira viagem. Duas coisas foram acrescentadas ao manuscrito: a

personagem Gulliver, como protagonista e narrador, e uma série de críticas sobre a maneira como a Irlanda vinha sendo maltratada pela Inglaterra.

Com relação à mudança do narrador em terceira pessoa do manuscrito original para a introdução da figura de Gulliver, os leitores mais atentos perceberão que aqui Gulliver está diferente. Não existem todos aqueles jogos de aproximação e distanciamento entre o ponto de vista da personagem e as opiniões políticas e filosóficas do autor, porque em última instância, o que temos aqui é mesmo um tratado histórico-político filosófico.

A relação entre a Ilha Flutuante de Lapúcia e o território que fica abaixo dela, Balnibarbi, é uma relação de dominação que parodia os 900 anos em que a Irlanda se encontrou sob o jugo dos ingleses. O século XVIII representou um dos momentos mais cruéis dessa dominação, com várias ações do governo inglês sendo empreendidas com vistas a apagar a língua gaélica original (proibida de ser ensinada nas escolas irlandesas) e a memória cultural daquele povo. Por serem predominantemente católicos, os irlandeses estavam impedidos de terem seus representantes no Parlamento, sob o pretexto de que não se sabia se um par irlandês defenderia os interesses do Reino Unido ou os da Igreja de Roma. Os impostos cobrados da Irlanda subiam incessantemente, ao mesmo tempo em que as primeiras pragas nas lavouras irlandesas começavam a se manifestar.

Essa situação desencorajadora é representada através da manipulação que a ilha flutuante de Lapúcia faz sobre o território de Balnibarbi. Caso os habitantes de Balnibarbi não se comportassem conforme o esperado, a ilha permaneceria imóvel sobre o lugar, impedindo que a luz do sol e a água da chuva lá chegassem.

A ilha flutuante é habitada por um grupo de cientistas que se interessam exclusivamente por suas experiências, sem levar em consideração se elas são úteis ou não. Estão tão absortos em seus estudos que precisam de empregados que os espanquem, de tempos em tempos, para que se alimentem ou façam suas necessidades básicas. Enquanto eles estudam, suas esposas descem por cordas até a ilha para se relacionarem com os homens de Balnibarbi, porque para isso também seus maridos estão muito ocupados.

Gulliver expressa a seguinte opinião sobre aquele grupo de homens da ciência:

Nunca vi povo tão tolo, tão mesquinho e tão inábil em tudo quanto se relacione com as ações comuns e o modo de proceder. São, além disso, os piores argumentadores do mundo, sempre dispostos a contradizer, exceto

quando pensam com justiça, o que lhes acontece raramente, e, então, calam-se” (SWIFT, 2004, p.209).

Quando a primeira versão desta viagem foi composta, a intenção do autor era fazer uma crítica ao entusiasmo exagerado com respeito ao desenvolvimento científico da época. Mas quando o texto foi retomado, o ataque aos projetos científicos assumiu um tom muito mais irado, pois a sátira agora se voltava contra a menina dos olhos do governo inglês, a recém criada Royal Society, para a qual era canalizado muito do dinheiro que Swift acreditava que deveria ser aplicado no combate à fome na Irlanda.

Aqui vão algumas breves referências sobre certos projetos científicos mostrados no episódio da Ilha de Lapúcia. O poder que a ilha exerce sobre Balnibarbi está relacionado a estudos sobre magnetismo ligados às teorias de William Gilbert<sup>26</sup> e a descobertas feitas a partir dos movimentos do cometa de Halley.

A história da rebelião de Lindalino evoca as várias manifestações ocorridas em Dublin, capital da Irlanda. E a referência ao matemático que erra os cálculos e provoca consequências desastrosas é uma referência a um episódio envolvendo o físico Isaac Newton. De todos os ingleses aos quais Swift tem ojeriza, possivelmente aquele de quem mais desgoste seja Newton. Além de ser um dos fundadores da Royal Society, Newton propôs uma lei que aumentava ainda mais as taxas cobradas aos irlandeses.

A primeira crítica feita por Swift remete aos estudos sobre Ótica feitos por Newton, o quais, apesar de terem provado sua utilidade ao longo do tempo para o desenvolvimento da oftalmologia, na época pareciam totalmente sem propósito. Dessa forma, acabou originando a série de estudos sem finalidade aparente que temos na Academia de Lagado, como aquele que tenta extrair a luz de volta dos alimentos, ou reverter excrementos a sua forma original.

Newton é também o responsável pela criação da disciplina de Cálculo, pela teoria da gravidade, do movimento elíptico dos planetas. Newton criou fórmulas matemáticas que procuravam dar conta dos movimentos do universo. Swift não se punha a nenhuma dessas coisas, mas se indignava pelo fato de que isso tudo fosse respaldado no dinheiro que os irlandeses não tinham nem mesmo para alimentar os seus filhos.

---

<sup>26</sup> William Gilbert é um físico inglês, autor do livro *De Magnete* (1600). As informações factuais fornecidas nesta seção do trabalho, exceto quando expressamente informado, vêm da leitura das notas de estudos *Cliff Notes* (SOENS & SALERNO, 2016).

Gulliver expressa uma opinião crítica sobre os campos de plantações de Balnibarbi: “Durante a nossa viagem, fez-me observar os diferentes métodos dos lavradores para semear as suas terras. Contudo, salvo em alguns sítios, não descobrira em todo o país nenhuma esperança de seara, nem mesmo nenhum rastro de cultura” (SWIFT, 2004, p.222).

Ou seja, os produtos que estão sendo colocados nas lavouras estão matando as plantações. Ainda assim, quando Gulliver encontra uma propriedade em perfeito funcionamento, o proprietário está deprimido, pois é rejeitado pelos seus vizinhos. Por isso, ele está decidido a aderir ao novo programa de produtos químicos.

## 5.2 O Quanto Esta Viagem Difere das Demais

Como decorrência do fato de a terceira viagem ser, de fato, uma colagem, Beck observa que “Gulliver não passa por situações cômicas, antes observa e comenta a ‘loucura’ ao seu redor. Na terceira viagem há mais descrição do que narração” (BECK, 2003, p. 119). Nessa viagem, Gulliver é um observador do que acontece, ele não participa ativamente como nas outras viagens. De acordo com Ward,

O terceiro livro não tem tal independência; em si mesmo, poderia parecer variado e episódico. Podemos entender mais sobre sua estrutura e proposta quando percebemos que este foi o último dos quatro livros a ser escrito. O terceiro livro cria um tipo de ponte entre os métodos satíricos dos dois primeiros livros e os do quarto livro<sup>27</sup> (WARD, 1973, p.153).

A terceira viagem – concebida antes e escrita depois do que as demais – ajuda o leitor a acompanhar a evolução de Gulliver, a perceber o quanto ele muda como ser humano, tornando-se mais crítico em relação à sociedade que o cerca.

Segundo Linardi,

---

<sup>27</sup> Minha tradução do original: “The third book has no such independence; by itself it would seem miscellaneous and episodic. We can understand a great deal more about its structure and purpose when we realize that it was the last book of the four to be written. The third book provides a kind of bridge between the satirical methods of the first two books and that of Book IV” (WARD, 1973, p.153).

Numa crítica à nova ciência da época, Gulliver chega à ilha flutuante, onde o conhecimento se concentra na teoria e não na prática. Os sábios são incapazes de se organizar, resolver questões do cotidiano ou desfrutar prazeres e distrações comuns. A acadêmica local é uma referência a Royal Society, fundada em 1660. (LINARDI, 2011, p.59).

Podemos perceber que Swift critica a Royal Society da sua época, visto que os sábios preferiam criar teorias ao invés de solucionar problemas concretos.

Neste exemplo: “As casas eram pessimamente construídas; e a razão é que nesse país de despreza a geometria prática como uma coisa vulgar e mecânica” (SWIFT, 2004, p. 209), a personagem Gulliver comenta que o lugar não era devidamente construído visto que a geometria era desprezada, porém não se constroem habitações sem o conhecimento prático de geometria e trigonometria, se isto for feito, as construções não serão aptas para se morar.

De acordo com Meziems,

Mesmo aqueles que se declaram especialmente interessados em unidade ou coerência tendem a propor esquemas em que a “Viagem a Lapúcia” possa ser melhor relacionada com o mundo exterior do que com a ficção, uma vez que ela está apartada das narrativas que a precedem e daquela que a sucede.<sup>28</sup> (MEZCIEMS, 1977, p.2).

Essa viagem se distingue das outras porque ela se concentra na realidade do mundo de Swift, e não na de Gulliver, ou seja, Swift narra os fatos de acordo com o que acontecia em sua época, por essa razão, ela é uma viagem atípica. Por outro lado, com relação à temática da sátira, Meziems afirma que:

Tematicamente, *Viagens de Gulliver* é um ataque ao orgulho humano, uma sátira à sociedade civilizada, uma exposição da verdade sobre a natureza

---

<sup>28</sup> Minha tradução do original: “Even those who claim to be particularly interested in unity or coherence tend to propose schemes whereby the *Voyage to Laputa* can be related better to the outside world than to the fiction, so that it is still cut off from narratives on either side of it”. (MEZCIEMS, 1977, p.2).

humana como Swift a percebia – e uma análise da qualidade da razão humana. Tematicamente, as quatro viagens são totalmente consistentes: não há nenhuma viagem em que essa temática não se apresente, nem onde seu tratamento seja notadamente desigual. Os temas são constantes e as variações não se afastam da expressão de um significado consistente que se ampara no detalhe narrativo. Nesse sentido, “Viagem a Lapúcia” não integra menos a obra do que qualquer das outras Viagens <sup>29</sup>. (MEZCIEMS, 1977, p.3).

Swift usa a sátira em todo o livro de Lapúcia. Este não é um livro de aventuras, é um livro que satiriza as literaturas de viagem muito comuns na época, então o objetivo da obra é satirizar tudo e todos. Talvez a maneira como a sátira é utilizada aqui não seja tão elaborada, visto que Gulliver mais observa do que participa, mas suas observações são consistentes, considerando que os lugares que ele estava conhecendo eram mal construídos porque seus habitantes mais pensavam do que agiam.

Outra característica desta viagem comparada com as outras três seria que nesta, como nas outras, Gulliver sai de seu lar rumo ao desconhecido. Esse é um fato presente em todas as viagens. No entanto, de acordo com Mezcims: “A terceira viagem é a mais local, contemporânea, pessoal e ‘original’ (num sentido que Swift poderia reconhecer e usar no sentido pejorativo); ao mesmo tempo, ela é a mais imitativa, a mais convencional e a mais dependente de todas no que tange à tradição<sup>30</sup> (MEZCIEMS, 1977, p.6).

Esta é a viagem mais pessoal para Swift porque ela se concentra nos relatos sobre a Irlanda, o que toca profundamente esse escritor devido ao fato de ele ser irlandês. Aqui ele critica os acontecimentos que prejudicam a Irlanda. Outro fato interessante é que há viagens a países não dominados pela Inglaterra nessa terceira viagem. Ao escrevê-la, Swift enfoca países da região do Pacífico como o Japão. Makley comenta que, “O encontro de Gulliver

---

<sup>29</sup> Minha tradução do original: “Thematically, *Gulliver's Travels* is an attack on human pride, a satire on civilized society, an exposé of the truth about human nature as Swift saw it, and an analysis of the quality of human reason. Thematically the four Voyages are perfectly consistent: there is no individual Voyage from which any of these themes is absent, nor is the treatment of them noticeably uneven in emphasis. The themes are constant and the variations do not stray from the expression of a consistent meaning through narrative detail. In this respect the *Voyage to Laputa* has no less a part to play in the whole than any other Voyage”. (MEZCIEMS, 1977, p.3).

<sup>30</sup> Minha tradução do original: The third Voyage is the most local, contemporary, personal, and 'original' (in a sense which Swift would recognize and use as a term of condemnation), and at the same time the most imitative, the most conventional, and the most dependent of all on the authority of tradition. (MEZCIEMS, 1977, p.6)

com os japoneses sugere não somente que Swift conhecia sua literatura, mas que estava bem ciente das profundas e inquietantes posições que os japoneses firmavam frente à visão eurocêntrica sobre comércio, história e teologia<sup>31</sup>. (MARKLEY, 2004, p. 458).

Então – além da crítica feita ao tratamento dado pela Inglaterra à Irlanda, que ocupa o espaço central desta viagem – podemos afirmar que ela também serve como crítica à Europa, a qual pela sua própria visão se posiciona no centro do mundo. Tudo acontece por causa e para os países europeus. É importante lembrar que, naquela época, não existiam ainda as teorizações requintadas que temos hoje com respeito à literatura. Nem mesmo a ideia do romance como gênero literário estava concretizada na terceira década do século dezoito. O livro *Viagens de Gulliver* era visto como um relato de viagem, como uma ficção de aventura que era um entretenimento, não uma obra de arte. Não importava se a viagem contada tivesse acontecido mesmo, se fosse uma “história de verdade”, ou se tivesse sido inventada e fosse uma “história fingida”. Qualquer um dos dois tipos teria o formato de uma história dentro de outra história, em que um protagonista/autor narraria suas peripécias em primeira pessoa e juraria que tudo tinha mesmo acontecido. O centro do mundo, nesse tipo de narrativa, é sempre a Europa, o terreno da realidade, onde as coisas acontecem do jeito normal. Para a direita do mapa vêm o Oceano Atlântico e o Novo Mundo, cheios de riquezas, mistérios e novidades; e para a esquerda temos o Ocidente, com seus cenários exóticos, sabedoria antiga e ciência milenar. É para esse lado que ficam as poucas terras conhecidas mencionadas no livro, como o Japão, onde ocorre um dos episódios que faz com que Gulliver fique novamente desgarrado. Esses povos, esquecidos ou ignorados pela Europa, tinham parâmetros diferentes dos valorizados pela cristandade. Para entrar no Japão e fazer negócios ali, um dos requisitos era pisotear uma cruz, significando que comerciante estava disposto a se humilhar, a abrir mão da sua fé para atingir seus objetivos.

Sendo assim, na terceira viagem Swift amplia o foco e apresenta o olhar dos povos do oriente, consequentemente, mostrando seu interesse por esses povos esquecidos pela Europa. Dessa forma, a viagem a Lapúcia consegue criticar o tratamento que a Europa, a Inglaterra em especial, tinha para com outros países, como os países asiáticos. Porque a Inglaterra via-se como a responsável pelo mundo, tudo que se relaciona ao comércio, história

---

<sup>31</sup> Minha tradução do original: “Gulliver’s encounters with the Japanese suggest not only that Swift knew this literature but that he was well aware of the deeply unsettling implications that Japan posed for Eurocentric visions of trade, history, and theology.” (MARKLEY, 2004, p. 458).

e a teologia tinha como base a Europa, as descobertas de uma certa forma eram comandadas por esse continente, sendo assim, os outros países não eram lembrados.

## 6. “VIAGEM AO PAÍS DOS HOUYHNHNMS”

### 6.1 Sobre Yahoos e Houyhnhnms

Na viagem feita por Gulliver, conhecemos povos habitados por espécies diferentes da humana, os yahoos e os huyhnhnms. Os primeiros são uma espécie inferior e nauseante, perigosamente próxima em formato dos seres da raça humana. Os huyhnhnms (esse nome é para ser lido como um relincho) são seres evoluídos e superiores, e têm a forma de cavalos.

Os yahoos são propensos a fazer o mal e a se deixarem levar por suas paixões, pois têm o aspecto racional muito pouco desenvolvido. Segundo Ward (1973), “Os yahoos são esteticamente repulsivos – são feios, cheiram mal, são barulhentos, incontinentes e sujos<sup>32</sup>” (WARD, 1973, p.170). Também se deixam levar pelos sete pecados capitais, sendo “avarentos, raivosos, invejosos, orgulhosos, preguiçosos, gananciosos e lascivos<sup>33</sup>” (WARD, 1973, p.170)

Os hoyuhnhnms, por outro lado são racionais, sabem exatamente o que é correto, “Nos hoyuhnhnms, estão todas as virtudes e boas qualidades que dignificam a natureza humana e constituem sua felicidade nessa vida”. (BECK, 2004, p.45). A raça humana é racional e muitas vezes, sabe o que é o certo, mas insiste em praticar o erro.

Segundo o comentário de Ward sobre os houyhnhnms:

---

<sup>32</sup> Minha tradução do original: “The Yahoos are aesthetically revolting - they are ugly, they smell, they are noisy, incontinent and dirty” (WARD, 1973, p. 170)

<sup>33</sup> Minha tradução do original: “Covetous, angry, envious, proud, lazy, greedy and lustful”. (WARD, 1973, p. 170)

Exceto pela aparência exterior, eles não são nem um pouco como cavalos; mas, moralmente, são admiráveis. Mantêm, a seu modo, uma integração perfeita com o mundo natural. São cuidadosos, calmos, determinados e inteligentes no modo como organizam suas vidas. Em suma, representam algo que nós desejaríamos ser, quando em certos estados de espírito e em certos momentos. Representam um tipo de idealização do humano que era muito valorizado na época de Swift. Não há dúvidas de que o autor compartilha dessa idealização até certo ponto, mas embora os cavalos representem um ideal humano, eles não representam um fato humano, uma faceta do ser humano inserido na realidade <sup>34</sup>. (WARD, 1937, p.168).

Aqui há dois pontos importantes a ressaltar. O primeiro é essa tendência mostrada na obra de tomar tudo o que é ligado aos sentidos como sendo ruim, e tudo o que é ligado à razão como sendo bom. Essa é uma influência da filosofia de Pascal sobre o ser humano ser o elo intermediário entre o sagrado (cf. MAGGIO, 2003) e o profano que era muito aceita no século XVIII, mas que não sei até que ponto se aplica no entender do século XXI. Por que a razão seria superior, ou melhor, do que os instintos? <sup>35</sup>

O segundo ponto é que é na quarta viagem que o problema envolvendo a percepção das coisas demonstrada por Gulliver e por Swift se embaralham. É importante ressaltar que quem tem horror a ser visto como alguém parecido com os yahoos é Gulliver, e não Swift. No final da narrativa, Gulliver está arrasado. Ele perdeu a sua inocência e a confiança na raça humana. O autor da obra, todavia, já havia passado por isso há muito tempo atrás, portanto sua abordagem de todas essas situações tende a ser mais modalizada. Swift sabe que nem os houyhnhnms e nem os yahoos representam integralmente a raça humana. São representações de dois extremos. Às vezes, gostaríamos de agir como houyhnhnms por alguns breves momentos, mas não o tempo todo. Segue um comparativo dos houyhnhnms com os yahoos:

---

<sup>34</sup> Minha tradução do original: “Except in their outward form, they are not a bit like horses, but they are admirable, morally; they are in their own way a perfect adaptation to the natural world; they are careful, calm, deliberate and intelligent in the way in which they organize their lives. In short they are an expression of something which we would all, in some moods and moments, wish to be; an expression of a human ideal, an ideal which was very much prized in Swift’s day. There is no doubt that Swift shares the ideal they represent in some degree, but though they represent a human ideal they do not represent a human fact, an aspect of the human in reality” (WARD, 1973, p. 168).

<sup>35</sup> Essa discussão sobre o que representa o bem e o que representa o mal se encontra em processo de reavaliação hoje. Me permito fazer esta digressão aqui porque acredito que esta é a melhor parte da tarefa de comentar um texto clássico, quando o olhar do nosso ponto de percepção – no caso o Brasil do século XXI – abre espaço para novas interpretações do texto.

Outro fato curioso é que, enquanto os yahoos incorporam os sete pecados mortais da fé cristã e os houyhnhnms representam as quatro virtudes primordiais dos antigos, prudência, justiça, temperança e coragem, não sobra espaço nesse esquema moral para as três grandes virtudes cristãs – fé, esperança e amor, pelo menos da maneira como essas forças são sentidas, encaradas e vividas pelos cristãos <sup>36</sup> (WARD, 1973, p.171).

Os houyhnhnms não possuem fé, esperança e amor porque esses três são sentimentos, e eles não os possuem, eles só são racionais; e o senso de prudência, justiça, temperança e coragem estão ligados no sentido de razão. Os yahoos se ligam aos sete pecados capitais porque eles seguem as paixões, as emoções, e aqueles se enquadram nesses aspectos.

Ainda de acordo com Ward,

Houyhnhnms e yahoos, portanto, compartilham a seguinte característica: eles não possuem a capacidade de escolha moral. Os yahoos não podem ser senão tolos, maus e irracionais. Os houyhnhnms não podem evitar serem graciosos, bons e puramente racionais em todas as suas ações. Há apenas uma criatura na ilha que é capaz de fazer qualquer escolha moral significativa, e essa é Gulliver<sup>37</sup> (WARD, 1973, p. 173-174).

Apesar dos defeitos de caráter que Gulliver possui, ele é o único que possui a capacidade de escolher que tipo de pessoa vai se tornar. Ele pode escolher se quer ser um ser humano bom ou ruim, ele pode fazer escolhas morais e imorais, tudo depende de suas escolhas, mas Gulliver está tão afetado que não consegue perceber isso.

Os yahoos chegaram ao nível de muita maldade e se deterioraram a partir da paixão, o que é um alerta para que a raça humana observe seus erros e tente corrigi-los para não chegar ao mesmo ponto de degradação. Para isso, a alternativa é dosar os graus de razão e de emoção. Segundo Ward, “O homem parece ser dividido em dois. Cada metade é propulsionada para os seus extremos, intelecto racional e besta apaixonada; cada metade fica sem a mistura

---

<sup>36</sup> Minha tradução do original: “The other curious thing is that, whereas the Yahoos possess all the Seven Deadly Sins of the Christian faith, and the Houyhnhnms possess the four Cardinal Virtues of the Ancients, Prudence, Justice, Temperance and Fortitude, there is no place in the moral scheme provided for the three great Christian virtues – at least in the way that they are felt and seen and experienced by the Christian – Faith, Hope and Love.” (WARD, 1973, p.171).

<sup>37</sup> Minha tradução do original: “Houyhnhnms and Yahoos, therefore, share one further characteristics; they lack the capacity for moral choice. Yahoos cannot choose but be foul, and evil and irrational. Houyhnhnms cannot choose but be graceful, good and entirely rational in all their actions. Only one creature on the island can make any significant moral choice at all, and that is Gulliver.” (WARD, 1973, p. 173-174).

da outra, e, portanto, nenhuma delas é realmente um homem <sup>38</sup>” (WARD, 1973, p.127-128). O homem seria as duas parcelas juntas, visto que o ser humano é dotado de razão e emoção.

A sátira encontrada nessa quarta viagem apresenta os yahoos e os houyhnhnms como representações extremas dos exageros do comportamento racional e emocional humano. Gulliver pode não se dar conta disso, mas o leitor percebe que a razão em excesso não traz só coisas positivas, pois fica faltando o prazer em fazer as coisas. Por outro lado, ser totalmente comandado pela emoção não faz bem porque não há controle sobre as consequências das nossas ações. Swift aponta essas coisas numa época em que as qualidades da razão são altamente valorizadas, mas fica aqui o lembrete de que não devemos seguir somente a ela.

## 6.2 Swift Rotulado como Misanthropo

Como foi colocado no início deste trabalho, Swift é na sequência chamado de misantropo, um ponto que combina com o estado em que Gulliver se encontra no final desta quarta viagem. Gulliver comenta que:

No momento em que escrevo esta relação, há cinco anos que estou de volta da minha última viagem e vivo retirado em casa. No primeiro ano, foi a custo que suportei a presença de minha mulher e a de meus filhos, e quase que não pude comer em companhia deles. As minhas ideias mudaram com a continuação e hoje sou um homem comum, embora sempre um pouco misantropo. (SWIFT, 2004, p. 385-386).

Pelo que se lê nesse trecho, Gulliver vê a si mesmo como misantropo. Beck nos alerta, contudo, para o fato de que Gulliver não é Swift:

Com maior influência no século XX, a chamada de “escola moralista” entende Swift como um moralista que não detesta a humanidade, mas a

---

<sup>38</sup> \Minha tradução do original: “Man *seems* to be split into two, and the two halves propelled to their extremes, rational intellect and passionate beast, each half with no admixture of the other, and therefore neither of them really man” (WARD, 1973, p.127-128).

mediocridade e torpeza de algumas das motivações humanas, assim como a vulgaridade e a crueldade com que alguns indivíduos tratam seus semelhantes. Os críticos dessa escola apontam para a profunda convicção religiosa de Swift como prova de seu apreço pelo gênero humano. ( BECK, 2003, p.44)

Swift é um reverendo, portanto ele possui uma convicção religiosa, o que problematiza a questão de ele ser um misantropo, visto que na religião, o aspecto mais mencionado é a regra do amor ao próximo. Swift é rigoroso na crítica ao lado negativo do ser humano, porque não se conforma que quem deveria perceber e praticar o bem ainda assim insista em praticar o mal. Ainda sobre o aspecto religioso, Beck afirma que:

O pensamento de Swift foi formado pelas ideias que ainda prevaleciam na Inglaterra no século XVII. Na filosofia da religião, ainda se afirmava a imperfeição da natureza humana como resultado da “queda do homem” – o pecado de Adão que passa para toda a natureza humana. A crença de Swift era a de que os homens somente se tornariam bondosos, teriam consideração pelos seus semelhantes, pela graça de Deus”. (BECK, 2004, p.48)

Porém, ainda de acordo com Beck, “Apesar da influência da “escola moralista”, a posição de Swift em relação à religião, sociedade e natureza humana ainda é objetivo de muita pesquisa. A crítica continua a debater suas obras em relação a cada aspecto do pensamento nos séculos XVII e XVIII” (BECK, 2004, p.46, grifo do autor).

Não existe uma resposta concreta sobre quem realmente foi Swift, a pessoa que insistimos em tentar compreender através do estudo de sua obra. Sabemos que ele foi um satirista, e para ser bom nas sátiras é necessário ter um senso moral bem definido e saber o certo e o errado das coisas. Aparentemente, Swift tinha tranquilidade quanto aos seus posicionamentos a esse respeito. Sua formação religiosa, inclusive, lhe dá respaldo para esses posicionamentos e o ajuda a compreender melhor o mundo em sua volta, mas não sabemos ao certo quem ele realmente foi e pensava, porque a sátira maquia muito o lado verdadeiro.

Se observarmos as mudanças ocorridas em Gulliver ao longo das quatro viagens, é interessante ressaltar que cada uma delas acontece em decorrência de algum episódio ocorrido no mar. O primeiro é causado por um movimento da natureza, e pode ser chamado de um

acidente. Aos poucos, contudo, o fato de ele ser excluído do seu grupo de convívio vai ficando cada vez mais deliberado, e entramos em contato com sentimentos ruins associados à natureza humana que fazem com que Gulliver fique mais e mais chocado com a capacidade das pessoas de fazerem mal umas às outras, a ponto de – no final da história – ele sentir um forte impulso de evitar o convívio com seres de sua própria espécie. Nesse sentido, o comportamento de Gulliver lembra o que é dito pelo crítico literário Lionel Trilling, quando apresenta sua definição do herói clássico e do herói moderno. Trilling compara o enredo das histórias como um túnel de terror. O herói clássico e o herói moderno entram nesse túnel dispostos a vencer suas batalhas e a fazer com que seus ideais triunfem. O herói clássico com frequência morre no final da narrativa, mas sua verdade é comprovada e sua causa é glorificada. Já o herói moderno, se sair do túnel, estará aturdido, descrente e destruído. (cf. TRILLING, 1953). Nesse sentido, Gulliver já prenuncia o surgimento desse novo tipo, o herói moderno.

Mais do que a sátira das três diferentes espécies de personagens apresentados aqui (os yahoos, Gulliver e os cavalos), o que temos na última viagem é uma discussão filosófica profunda. Para a visão cartesiana, do tempo de Swift, a sociedade equina – baseada na razão – é apresentada como perfeita, e a sociedade bestial dos yahoos – baseada na sexualidade – é vista como o perigo de cair em degradação. Hoje nos perguntamos por que o que é racional pode estar mais ligado ao que é espiritual do que o que é do corpo, mas essas reflexões não fariam sentido no século dezoito. Gulliver idealiza os cavalos e sente repugnância pelos yahoos. Mas, para o leitor, mais estranho do que os yahoos é o comportamento de Gulliver, que começa a rejeitar todos os traços da sua natureza – como ser bípede e falar, ao invés de ser quadrúpede e relinchar. Esse comportamento não pode ser visto com aprovação por leitor de época nenhuma. Portanto, dizer que o ponto de vista da narrativa representa o ponto de vista do autor, ou da narrativa, é ir longe demais. Na minha opinião o que Swift faz aqui é o que fazem em geral os grandes escritores. Eles observam a época em que vivem, analisam os pontos onde há excesso de entusiasmo (nesse caso entusiasmo com o progresso da ciência) e deduzem a partir de que ponto os avanços podem se transformar em retrocesso.

## CONCLUSÃO

---

Termina assim a nossa viagem pelo fascinante universo ficcional das *Viagens de Gulliver*, uma história tão variada quanto a própria vida é, cheia de momentos engraçados e tristes, com aventuras e tensões, riscos, alegrias e decepções. Para um texto que oferece tantos elementos distintos, é natural que tenham-se firmado interpretações muito diversas. Várias das observações feitas aqui sobre aspectos da vida do autor, ou comentários sobre trechos do livro poderiam ter sido feitos em qualquer época. Outras, contudo, refletem a percepção que temos hoje sobre vários assuntos, como por exemplo quando falamos sobre o elemento de misoginia presente nas obras de Swift, ou sobre o quanto a obra se aproxima ou distancia da visão eurocêntrica do mundo. Esses comentários são próprios da nossa época, seriam anacrônicos ao tempo de Swift. São essas discussões, na minha opinião, que justificam a retomada de um clássico. Se acreditarmos que tudo já foi dito com respeito a uma obra canônica, a fortuna crítica dessa obra tende a se encerrar, e com o tempo a obra morreria. Assim, a modesta contribuição prestada pela presente monografia ambiciona reaproximar *Viagens de Gulliver* do público leitor nosso contemporâneo brasileiro (é por isso que o texto foi escrito em português), abrindo algumas chaves de compreensão que poderiam parecer fechadas devido ao nosso distanciamento no tempo e no espaço do primeiro grupo de leitor que recebeu a obra.

*Viagens de Gulliver* é um livro inspirado nos acontecimentos das duas pátrias de Swift, a Irlanda e a Inglaterra. Baseia-se nos vícios que os seres humanos possuem, em seus valores, e mais ainda, na política, visto que Swift era um homem político e conhecia os assuntos que aconteciam nos espaços em que se movimentava. Além de ser um grande monumento literário, *Viagens de Gulliver* traz também aspectos de um documento histórico<sup>39</sup>, através do diálogo estabelecido com as tantas personalidades históricas e eventos de fundo utilizados para compor as aventuras ficcionais aqui apresentadas. Como visto anteriormente,

---

<sup>39</sup> Utilizo as expressões “documento” e como “monumento” no sentido proposto pelo historiador Jacques LeGoff.

quem estuda a História da Inglaterra é capaz de reconhecer que o rei que machucou o dedo quebrando o ovo sagrado é uma referência a Henrique VIII, que rompeu com Roma e se autoproclamou chefe da Igreja na Inglaterra; ou que a pessoa que foi executada de forma cruel no prédio que serve de abrigo para Gulliver em Lilipute é o Rei Charles I, o rei escocês que foi degolado em frente à Abadia de Westminster pelo exército puritano liderado por Oliver Cromwell; ou que a rainha ingrata de Lilipute, que condena Gulliver à morte depois de ele ter salvo sua vida é uma paródia da Rainha Anne, que impediu que Swift realizasse sua ambição de se tornar o deão de Westminster.

A sátira de Swift foi tão clara e contundente, na época em que a obra foi publicada, que a estratégia que a corte inglesa usou para neutralizar o impacto negativo foi uma propaganda do livro para que ele fosse vendido como literatura infantil, se apoiando no fato de que este livro contém gigantes, pigmeus, reis, princesas, e viagens a terras desconhecidas. Ao fazer isso, a corte não esperava que esse livro fosse se tornar tão popular a ponto de sobreviver a séculos e séculos de novas leituras e de continuar a transmitir também a sátira política que era tão venenosa. É assim que a sátira se torna o consolo dos que não podem falar abertamente.

Porém, como essa é uma obra de muitos leitores, há os que enxergam as aventuras e os que enxergam a sátira. Há os que pensam que as posições de Gulliver e de Swift coincidem, e os que discordam disso. Há os que acham que Swift é um misantropo e os que acham que ele está fazendo uma crítica didática e construtiva. Talvez essa confusão por trás da palavra misantropo tenha trazido benefícios para a leitura da obra, visto que este livro precisa ser lido e relido diversas vezes para que respostas sejam encontradas, enquanto o satirista torna-se cada vez mais estudado nas universidades de todo o mundo.

Descobrimos que *Viagens de Gulliver* se sustenta como um clássico da literatura infanto-juvenil principalmente através das adaptações que se concentram nas duas primeiras viagens, ou que extraem elementos do enredo das quatro viagens ao mesmo tempo em que dissolvem a acidez e a amargura que vai se intensificando na medida em que a trama se desenrola. O público infanto-juvenil é formado por leitores em uma idade de crescimento e de descoberta da vida, que estão prestes a começar a agir, ansiosos por colocar em prática as estratégias que vêm imaginando. Para leitores assim, as aventuras de Gulliver em alto mar, suas descobertas em terras fantásticas, os perigos enfrentados e as soluções encontradas representam um texto muito apropriado. Contudo, se ao invés das adaptações ilustradas e

ensolaradas esses leitores tivessem acesso ao original completo, provavelmente ficariam horrorizados com os efeitos das aventuras sobre seu pobre protagonista. Em inglês, a palavra “Gulliver” é foneticamente muito próxima da palavra “gullible”, que significa alguém muito crédulo e ingênuo, que aceita tudo o que é dito como se fosse verdade. No início das aventuras Gulliver é relativamente jovem, e é muito “gullible”. Na medida em que vai sendo ferido pela vida, parece que o nosso herói não reage nada bem, a ponto de, no final, desenvolver uma verdadeira fobia da sua própria raça, a raça humana.

Como há episódios na vida do autor, Jonathan Swift, em que ele faz e diz coisas semelhantes à visão do misantropo Gulliver, que temos no final do nosso livro, é compreensível que parte da crítica conclua que a posição de Gulliver no final da história corrobora a visão que Swift tem do ser humano. De minha parte, apesar de compreender o ponto, prefiro pensar de maneira diferente e acreditar que alguém que não se importa com a raça humana não perderia seu tempo escrevendo dúzias de livros dedicados a ela. Me consola pensar que o instrumento de Swift é a sátira, um gênero que exige um leitor atento, porque para decodificar a ironia é preciso entender onde se encontram e onde se separam o ponto de vista da personagem (Gulliver) e o ponto de vista da narrativa (Swift). Em Lilibute, por exemplo, ao mesmo tempo em que afirma que o imperador é bonito, Gulliver descreve um homem muito feio. Cabe ao leitor cruzar a ponte e perceber que, se Gulliver é tão “gullible”, é provável que o autor da obra não seja assim. No final da narrativa, Gulliver definitivamente desiste do convívio com a raça humana. Na minha opinião, Swift não faz o mesmo até porque continuou escrevendo para leitores humanos vários anos, compondo obras de ficção, ensaios, tratados e matérias jornalísticas ainda por vários anos depois da publicação do seu texto mais famoso.

Agradecendo a oportunidade de ter podido percorrer esta obra tão importante, e na esperança de que esta monografia abra as portas de *Viagens de Gulliver* a cada vez mais leitores, encerro o trabalho citando mais um trecho da carta escrita por Swift para seu amigo Pope: “Mais do que tudo, odeio e abomino aquele animal chamado Homem, apesar de amar intensamente o João, o Pedro, o Tomás e tantos outros” (SWIFT, 2016, fonte digital).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Minha tradução do original: “But principally I hate and detest that animal called man, although I heartily love John, Peter, Thomas, and so forth” (SWIFT, 2016, fonte digital).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTOSZYŃSKA, K. Persuasive Ironies: Utopian Readings of Swift and Krasicki. *Comparative Literature Studies*, Vol. 50, No. 4. \_\_, Penn State University Press, 2013, pp. 618-642.
- BECK, I. J. *Viagens de Gulliver: Uma Releitura*. Canoas: ULBRA, 2003.
- BRITANNICA. Tories e Whigs. Disponível no endereço <<http://academic-ebritannica.ez45.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/76766>> Acesso em: 09/12/2016.
- CARNOCHAN, W.B. *Gulliver's Travels: An Essay on the Human Understanding?* Seattle: *Modern Language Quarterly*, Vol. 25, n. 1, 1964.
- HAWKES, Terence. *Structuralism and Semiotics*. 2a edição. Londres: Routledge, 2003.
- HUNTER, M. The Great Experiment: The Royal Society Was Founded in 1660 to Promote Scientific Research. In *History Today*, Vol. 60. 2010, pp. 34-40.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. pp. 462-473.
- LINARDI, F. A Grande Viagem de Gulliver. *Aventuras na História 1806 - 2415*. \_\_, \_\_, 2011.
- MAGGIO, S. S. *Prefácio*. In: BECK, I. J. *Viagens de Gulliver: Uma Releitura*. Canoas: ULBRA, 2003.
- MARKLEY, R. Gulliver and the Japanese: The Limits of the Postcolonial Past. *MLQ: Modern Language Quarterly*, Vol. 65, No. 3. \_\_, Duke University Press, 2004.
- MARSHALL, A. *Gulliver, Gulliveriana, and the Problem of Swiftian Satire*. Pennsylvania, The Pennsylvania State University, 2005.
- McBRIDE, Pamela. Isaac Newton in Gulliver's Third Book. Disponível em: <https://pammymcb.wordpress.com/2013/03/24/isaac-newton-in-gullivers-third-book/>. Acesso em: 13/10/2016.
- MELL, D. C. *Irony, Poetry, and Swift: Entrapment in "On Poetry: A Rhapsody"*. \_\_, EBSCO Publishing, 2002.

MEZCIEMS, J. *The Unity of Swift's 'Voyage to Laputa': Structure as Meaning in Utopian Fiction*. United Kingdom, University of Warwick, 1977.

MIRANDA, M.; PÉREZ, C.; SLACHEVSKY, A. *Jonathan Swift y Su Contribución Científica en "Los Viajes de Gulliver"*. Chile, 2011.

MONK, S. H. The Pride of Lemuel Gulliver. In: BRADY, F. *Twentieth Century Interpretations of Gulliver's Travels*. Englewood Cliffs, New Jersey, 1968.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.

PATEY, D. L. Swift's Satire on "Science" and the Structure of Gulliver's Travels. In *ELH*, Vol. 58, No. 4, The Johns Hopkins University Press, 1991, pp. 809-839.

PHIDDIAN, R. *A Hopeless Project: Gulliver Inside the Language of Science in Book III*. Eighteenth-century life [0098-2601], 1998.

PHIDDIAN, R. Political Arithmetic: Accounting for Irony in Swift's A Modest Proposal. In: *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, Vol. 9 Iss 5. Adelaide, Flinders University, 1996, pp. 71 – 83.

RABB, M. The Secret Memoirs of Lemuel Gulliver: Satire, Secrecy, and Swift. In *ELH*, Vol. 73, No. 2, The Johns Hopkins University Press, 2006, pp. 325-354.

RAWSON, C. Gulliver, Travel, and Empire. In *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, Purdue University Press, 2012, pp. 1-10.

RICHARDSON, J. *Still to Seek: Politics, Irony, Swift*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SAMS, H. W. Swift's Satire of the Second Person. In: BRADY, F. *Twentieth Century Interpretations of Gulliver's Travels*. Englewood Cliffs, New Jersey, 1968.

SHERBO, A. Swift and Travel Literature. In *Modern Language Studies*, Vol. 9, No. 3, *Eighteenth-Century Literature*, Modern Language Studies, 1979, pp. 114-127.

SOENS, A. L., Jr.; SALERNO, P. J. *Cliffs Notes on Gulliver's Travels*. Disponível em: </literature/g/gullivers-travels/book-summary>. Acesso: 26/11/2016.

SPACKS, P. M. Uncertainties of Satire. In *Modern Language Quarterly*, Vol. 40, Yale University, 1979, pp. 403-411.

SWIFT, Jonathan. *A Modest Proposal*. New York: ReadaClassic, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Tale of a Tub*. In: *The Essential Writings of Jonathan Swift*. Editado por Claude Rawson e Ian Higgins. New York: Norton, 2003.

\_\_\_\_\_. Letter to Alexander Pope September 29, 1725. Disponível em: <http://www.ourcivilisation.com/smartboard/shop/swift/letters/chap2.htm>. Acesso > 26/10/2016.

\_\_\_\_\_. *Viagens de Gulliver*. Tradução de Cruz Teixeira. Digitalização do livro em papel Clássicos Jackson vol. XXXI 1950, eBooks Brasil, 2004.

THICKSTUN, M. O. The Puritan origins of Gulliver's conversion in Houyhnhnmland. In *Studies in English Literature, 1500-1900*, Vol. 37, No. 3, *Restoration and Eighteenth Century*, Rice University, 1997, pp. 517-534.

TRILLING, Lionel. *The liberal imagination: essays on literature and society*. New York: Doubleday, 1953.

UMURHAN, O. Poetic Projection in Juvenal's *Satires*. In *Arethusa*, Vol. 44, No. 2, The Johns Hopkins University Press, 2011, pp. 221-243.

VOLTAIRE. *Cândido, ou o Otimismo*. Tradução de Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 1998.

WARD, D. *Jonathan Swift: An Introductory Essay*. London: Methuen & Co LTD, 1973.

WATT, I. *Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Tradução de M. Pontes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

WILLIAMS, K. *Profiles in Literature: Jonathan Swift*. London: Northumberland Press Limited Gateshead, 1968.